

NOVOS RUMOS

ANO

Rio de Janeiro, 21 a 27 de junho de 1964.

Nº 226

Oposição ao Ministério e Luta Contra Sua Política

Leia Editorial na 3ª página

Aumento Escandaloso Dos Aluguéis

Contra o Empréstimo da Fome

O aluguel dos imóveis residenciais poderá ser elevado a alturas inimagináveis caso se torne lei emenda já aprovada pela Comissão de Justiça da Câmara, fixando entre 8 e 12% anuais, sobre o valor atual do imóvel, o aumento nos aluguéis. A proposição é de autoria da subcomissão de Justiça. A aprovação do escorchante dispositivo foi perpetrada subrepticiamente. Aproveitou-se a confusão política que domina o País, para fazer passar o texto, evidentemente preparado pelas grandes empresas imobiliárias. Atenção especial deve ser dispensada ao detalhe da lei no que se refere ao valor atual do imóvel. Trocando-se o antigo valor, que significava uma residência hoje alugada por 30 mil cruzeiros, e que, após a sua locação, pronta a terminar, terá seu novo aluguel fixado por decisão judicial. Mas esta estará inteiramente condicionada à avaliação feita por tubarões da Bolsa de Imóveis. Supondo que estes senhores avaliem aquela residência em 5 milhões de cruzeiros (avaliação modesta, aliás), o inquilino terá, como novo aluguel, os 30 mil que já pagava, acrescidos de mais setecentos mil cruzeiros anuais ou cinqüenta mil por mês. No final, o aluguel que custava 30 mil passará a 80 mil cruzeiros. É evidente que a matéria apresentada pelos representantes do tubaronato imobiliário vem revestida de uma atrativa camada de mel, para tornar mais fácil sua ingestão. Fala-se, por exemplo, que para os inquilinos que já pagam as taxas de serviços municipais e de condomínio, aquelas percentagens de aumento serão reduzidas à metade. Ora, mesmo se considerando essa possibilidade — são pouquíssimos hoje os inquilinos não onerados por aquelas despesas — o novo aluguel iria ficar por 55 mil cruzeiros, quase o dobro, portanto, do anteriormente contratado. Para demonstrar o absurdo da lei nos servimos de um imóvel alugado por 30 mil cruzeiros, que é o aluguel mais freqüente. Deixamos para o leitor a tarefa de fazer o cálculo em bases mais altas e nos limitamos a aconselhar que comecem a enviar telegramas de repulsa ao projeto e a anotar os nomes dos seus infames autores.

Nesta altura dos acontecimentos e diante de semelhante projeto, somos forçados a fazer coro com conhecido slogan: Brizola está com a razão...

Se o aumento do funcionalismo civil e militar da União depende tão-somente de recursos para atender ao seu pagamento, outro caminho não se oferece ao Governo senão o que lhe é apontado pelos líderes sindicais dos bancários: a execução da nova lei tributária, a taxa progressiva dos lucros extraordinários, a limitação da remessa de lucros para o exterior, a democratização do crédito e a reforma agrária. Os responsáveis pela política econômica e financeira do País não podem negar credenciais aos que conceberam tal saída. Os dirigentes da CONTEC repellem o empréstimo compulsório porque o consideram uma sangria na já superavariada receita dos que vivem de salário, mesmo que este seja quatro ou cinco vezes superior ao mínimo maior vigente. Os bancários não se limitaram a condenar o recurso simplista do empréstimo compulsório. Como medida imediata para obter os recursos necessários ao pagamento dos baronatos federais, recomendam transferir para a categoria especial a importação de certos produtos superfluos ou de uso restrito, que atualmente é feita com favores da categoria geral. Entre tais produtos estão cavalos puro-sangue, alabastro, extrato de uísque e coca-cola, conchas de madrepérola, missangas, decalcomania, peles de coelho, etc. Com a transferência maciça e radical, os ágio dela resultantes venderiam 72 bilhões de cruzeiros para o Governo, ou 51 bilhões no caso de ser forçada uma retração de 30% na compra daqueles produtos. A exportação de café também seria boa fonte de recursos. Bastaria restabelecer a retenção de 22 dólares por saca de café exportado, recentemente reduzida para 19 dólares. Esses 3 dólares de diferença, multiplicados pelas 18 milhões de sacas que serão exportadas na presente safra, representariam um exaúso de 32 bilhões de cruzeiros, isto considerando-se o dólar na base de 600 cruzeiros. Finalmente, recomendam que para as remessas financeiras para o exterior seja o dólar fixado em 662 cruzeiros. Esta última manobra daria ao Tesouro Nacional nada menos de 54 bilhões de cruzeiros, mesmo considerando-se que aquele ágio recairia somente sobre 20% dos 410 milhões de dólares que este ano, segundo previsões, serão remetidos para fora.

Gaivota traz mensagem de liberdade

O mundo, entusiasmado, acompanhou o vôo da Gaivota no espaço sideral. Valentina Tereshkova, como bem disse a sra. Maria Teresa Goulart, "é bem um símbolo da mulher de hoje — a mulher que se nivela ao homem no campo da técnica, da ciência, do desenvolvimento da cultura e do esforço, que deve ser de todos, para a preservação da paz e da amizade entre os povos". A façanha da jovem soviética, da tecelã que agora vai receber a consagração de seu povo juntamente com Valery Bikovski, tem essa significação. É uma mensagem a todas as mulheres do mundo sobre os seus direitos, as suas possibilidades iguais. É uma mensagem de liberdade. Leia reportagem na 4ª página.

Racismo é como o ar

O mundo assiste estupefocado às violências que estão sendo cometidas nos Estados Unidos contra o povo negro que luta contra a segregação e o racismo fascista secularmente estimulados e amparados pelas vacilações das maiores autoridades dos Estados Unidos. Tombam, em 1963, nas ruas das cidades americanas, vitimados pelo furor fascista dos segregacionistas, negros e brancos que lutam pela extinção dos preconceitos. Essa é uma longa história, de dor, luta e sofrimento, que tem suas raízes no tempo e na conduta dos homens e classes que sempre dirigiram a sociedade norte-americana. Leia reportagem na 2ª página.

Dia 21 na ABI: solidariedade ao povo espanhol

Patrocinado por uma representativa comissão, da qual fazem parte o senador Aarão Steinbruch, os deputados Max da Costa Santos, Sérgio Magalhães, Marco Antônio Coelho e Benedito Cerqueira, deputados estaduais, dirigentes sindicais e personalidades, realiza-se na ABI, no próximo dia 21, às 20 horas, ato público de solidariedade ao povo espanhol. A manifestação foi convocada depois de apelo formulado pela Federação Sindical Mundial para que em todo o mundo se realizassem atos e demonstrações em favor da luta do povo espanhol pelas liberdades e contra a ditadura, pela anistia aos presos políticos e contra a repressão odiosa do franquismo.

Suplemento com comunicado Cuba-URSS

Junto com esta edição os leitores encontrarão um segundo caderno que não pode ser vendido separadamente. Não vai publicado o importante comunicado conjunto assinado em Moscou por Fidel Castro e Khrushchov, ao fim da visita do primeiro-ministro de Cuba à União Soviética. O documento, de importância para o movimento comunista mundial, trata das questões mais relevantes do momento atual, tais como o problema da paz e da guerra, a existência pacífica entre Estados com regimes diferentes e os caminhos da revolução. Além de um vasto material fotográfico, contém também o segundo caderno do texto integral do discurso de despedida pronunciado por Fidel Castro no comício de Moscou.





UM NOVO CORAÇÃO

O conhecido cirurgião soviético, professor N. Amosov, conseguiu substituir integralmente a válvula mitral do coração por uma artificial. A prótese foi feita com um material sintético, sobre uma armação de arame inoxidável. Uma jovem, com o consentimento de seu pai, foi submetida à operacão, já que a terapêutica era impotente para curá-la. A intervenção era sumamente complexa e exigia o máximo cuidado. O momento mais difícil da operação — disse Amosov — foi a colocação em funcionamento do coração reparado. Mas este começou a funcionar bem e, uma vez separado do aparelho de circulação artificial do sangue, assumiu toda a carga. Lesão — assim se chama a jovem — já se levanta do leito e dentro de alguns dias seguirá para uma casa de repouso.



RÁPIDO E BARATO

Novos métodos empregados na construção civil da Rumikim permitiu o levantamento de um bloco de dez pavimentos em 35 dias, no invés de 120 dias, quanto se gastava com a utilização de velhas técnicas. Mais de seis mil apartamentos estão sendo construídos com o novo sistema de pré-fabricados. Há uma grande redução no tempo, na mão-de-obra e no preço total das construções. Os especialistas em construção civil estão trabalhando com afinco para aperfeiçoar a nova técnica e estrudá-la a todo o país.

CONTROLE DO CALOR

No Instituto de Investigações Científicas para a técnica de construções mecânicas, na Bulgária, foi elaborado um novo aparelho para medir e regular a temperatura dos fornos e das instalações de calor. O esquema simplificado do novo termorregulador possibilita uma fácil utilização. Seu preço é dez vezes mais baixo que os similares importados até então no estrangeiro.

AJUDA A CUBA

A Hungria está construindo uma grande fábrica de vidros para ser instalada em Cuba. Tubos, vidros para produtos farmacêuticos, globos para demarcar vidros para conservas alimentícias e outros, serão produzidos nessa fábrica, planejada pelos engenheiros da Empresa Proletária Agrícola e Industrial. A maior parte do trabalho será mecanizada e automatizada. A instalação e o processo de fabricação foram planejados pelos técnicos húngaros; arquitetos cubanos construirão os edifícios, prevendo-se para 1964 a inauguração da nova fábrica.

CULTURA E SAÚDE

No período de 1955 a 1962, os gastos do orçamento da Polónia para os serviços sociais e culturais, de saúde, e ensino, aumentaram de 134%. Em 1965, foram destinados à instrução, ao ensino e à cultura, 10.300 milhões de zlotys; em 1962, 20.900 milhões. Para a saúde, assistência social e cultura, foram gastos 6.300 e 17.600 milhões, respectivamente. Seguros sociais, 10.000 e 23.100 milhões, também em 1963 e 1962.

MELHOR JUSTIÇA

O número de atos passíveis de punição cometidos no território da RDA passou de 500.000 no ano de 1949, para 140.000 no ano de 1962. Graças às normas jurídicas socialistas, dois terços das penas ditadas em 1962 foram condicionais. Também em 1962, mais de um terço dos delinquentes não foram julgados por tribunais, mas por comissões de empresa. Essas comissões, cujos membros são eleitos, ocupam-se de infrações jurídicas de menor importância e atentam às normas da vida socialista. Dados estatísticos, mostram que, em 1961, na RDA foram cometidos 863 delitos por cada 100.000 habitantes, enquanto na Alemanha ocidental a proporção foi de 3.775 delitos.

CIDADE DAS CRIANÇAS

Há uma cidade encantada na Hungria, em Pót: a Cidade das Crianças, inaugurada a 15 de novembro de 1967. As margens de um lago, no meio de um parque maravilhoso, e um grande castelo. Vivem ali mais de duzentos meninos e meninas, além de trezentas moças e rapazes. Ali as crianças vivem dos 3 aos 18 anos: são órfãos, ou quase-órfãos, provindo muitas de lares desfeitos ou desajustados. Há na cidade oito creches, uma escola com 8 classes, excelentes habitações e dormitórios, cafeteria central, higiene especial, alimentação abundante e rica em calorías, uma educação carinhosa e primorosa.

VOLTA AO NINHO

Em novembro de 1962, o povo da Coreia do Norte recebeu o 100.º navio de repatriados vindos do Japão. Os primeiros barcos com os coreanos em dezembro de 1959. Até agora, o permanente aliado de navios conduzindo repatriados do porto japonês de Nigata para o porto coreano de Tcheuagjin permitiu a volta à pátria de 80.000 cidadãos da Coreia, que residiam no Japão desde a última guerra. Um grande trabalho para permitir a vinda de outras dezenas de milhares está sendo realizado pelo Partido do Trabalho da Coreia e pelo governo da República Democrática Popular.

FARTURA NA URSS

Na tarde de 25 de maio último já haviam sido semeados na União Soviética 133.000.000 de hectares de cereais. No ano passado na mesma data, haviam sido semeados apenas 125.000.000. Já se cumpriu o plano de plantio do trigo no território de Tselin, no Kazakstan. Os camponeses do Altai terminaram a sementeira de 5.000.000 de hectares de cereais e leguminosas.

Estado do Rio

Greve de 40 Mil Contra a Fome e Pelo Delegado da Empresa

Três greves demonstraram a força e a unidade da classe operária fluminense. Mais de uma semana estiveram paralisados todos os transportes coletivos do Estado e as obras da construção civil em Niterói.

Aos rodoviários e empregados em obras — que paralisaram seus trabalhos na terça-feira passada — juntaram-se no meio desta semana os operários navais que cruzaram os braços durante 48 horas. Eram 40 mil trabalhadores em greve.

TRÊS CLASSES, TRÊS CAMINHOS

Há meses, vagavam de gaveta em gaveta das autoridades e dos sindicatos patronais as reivindicações dos trabalhadores. Não surgiu nenhuma solução.

Os operários navais reivindicavam há dois anos a assinatura de um contrato coletivo de trabalho cuja execução, conseguida pela greve, estendeu aos trabalhadores das empresas privadas os direitos dos empregados em autarquias (Loid e Costeira) e vice-versa, eliminando assim as disparidades existentes na classe.

Com a realização de duas mesas-redondas na Delegacia Regional do Trabalho, buccou-se um entendimento por parte dos proprietários de empresas e empregados nos transportes coletivos, mas os patrões permaneceram irredutíveis até mesmo ante os apelos formulados pelas autoridades trabalhistas e pelos representantes do governo estadual. Depois de uma última tentativa, realizada pelo delegado regional do trabalho, não havia outra solução para os empregados e, por unanimidade, a assembléia realizada no sindicato decretou a greve até que os empresários resolvessem aceitar o aumento de 100% e reconhecessem os delegados sindicais.

Enquanto os armadores e os proprietários de empresas de transporte aceitavam a discussão prévia das reivindicações operárias, os construtores de Niterói não re-

conheciam a necessidade que seus empregados tinham de receber um aumento de 80%, não aceitavam nem as discussões.

Esgotados todos os entendimentos, as três categorias chegaram à mesma solução: GREVE.

Tarça-feira pararam os transportes e a construção civil; sexta, os estaleiros.

OPERÁRIOS NAVAIS, 10 ANOS DE VITÓRIAS

Depois de tantas demarques sem encontrar uma solução, o presidente do sindicato foi realizar entendimentos com o ministro da Viação. Mas essas conversações tinham como garantia 27 mil operários parados. E depois de oito horas de discussões, chegou-se a um acordo que posteriormente foi ratificado pela assembléia dos trabalhadores.

Estava encerrada a greve, a poucos dias da comemoração do décimo aniversário do movimento paralista que os operários navais realizaram em 1953 contra a diretoria do sindicato, então controlada por pelegos.

TROLEIS GARANTEM A GREVE

Enquanto isso, continuavam nas garagens todos os coletivos do Estado do Rio, a única exceção eram os troleis do governo, que circulavam em Niterói. Entretanto, os trabalhadores do SERVE afirmam categoricamente: "Estamos trabalhando porque a Secretaria de Viação já assinou há um mês o acordo onde concedeu o aumento que pedíamos e reconheceu nossos delegados sindicais. Trabalhamos porque nossas reivindicações foram atendidas semanas antes da greve, mas estamos prontos para aderir ao movimento de nos- s companheiros caso haja a mínima repressão a qualquer uma das greves".

Unidos, os rodoviários continuavam a buscar soluções junto aos empregadores, mas as propostas apresentadas pelos patrões não podiam nem sequer ser levadas à apreciação da as-

sembleia permanente, pois eram as mesmas do quinto foi decretada a greve.

De nada adiantou que a direção do sindicato ceuase em algumas partes. O sr. Durval Coutinho, presidente do Sindicato patronal afirmou que os empregadores não estão dispostos a reatuar sobre os delegados sindicais, assim como não aceitarão recolher as contribuições para o sindicato, e dois pontos principais para os trabalhadores.

Entrevistado pela reportagem, o presidente do Sindicato dos Rodoviários comentou a posição dos empregadores: "O delegado sindical não acarreta nenhum ônus para a empresa, os patrões não querem aceitá-lo porque seja qual for o acordo assinado, eles não vão cumpri-lo. Basta dizer que durante o ano passado realizamos mais de dez greves parciais para obrigá-los a cumprir o que haviam assinado diante das autoridades trabalhistas. O delegado sindical, entre outras coisas, vai fiscalizar o procedimento das empresas, e os patrões não admitem essa fiscalização, pois já assinam o acordo de má-fé."

GOVERNO INTERFERE

Ante a intransigência dos empregadores, o governo estadual patrocinou vários entendimentos por meio da Casa Civil do Governador, onde foi proposta uma fórmula de conciliação: as empresas aceitariam os delegados sindicais e os empregados receberiam um aumento de 70%. A proposta foi aceita pelos trabalhadores mas os patrões recusaram-se inclusive a estudá-la.

Nem mesmo a interferência do próprio governador Badger Silveira foi capaz de mostrar aos empregadores que as reivindicações dos trabalhadores não iriam ser nocivas às empresas, e que elas poderiam entrar num acordo. Fazia esse apelo em nome da população do Estado do Rio que está indo para casa em incômodos caminhões há mais de uma

semana. Mas de nada adiantaram as fórmulas e os apelos. Os empregadores não estão dispostos a realizar nenhuma concessão, nem mesmo depois de os operários terem realizado suas exigências com relação ao aumento salarial.

NÃO HA ACORDO EM SEPARADO

Enquanto a greve dos rodoviários prosseguia, sem perspectivas de solução, os construtores que pareciam ser os mais irredutíveis fingiam romper a barreira com a proposta das três maiores firmas de Niterói, procurando assinar um acordo em separado. Mas os trabalhadores não aceitaram nenhum acordo parcial, a greve foi decretada para que todos os operários recebessem o aumento de 80% e não pudessem ser encerrados com um benefício parcial.

A cada hora que passa, as construtoras apresentam soluções para serem debatidas na Secretaria de Segurança, pois continuam a rejeitar um acordo por meio das autoridades trabalhistas. Os trabalhadores, que normalmente rejeitam os entendimentos nessas condições, não comparecem oficialmente, mas mandam o advogado do sindicato para debater as possibilidades de entendimentos, deixando bem claro, que qualquer acordo só será assinado na delegacia do trabalho.

No segundo dia de greve na construção civil, o piquete que fiscalizava as obras paradas encontrou dois policiais armados de fuzil, que, apesar da obra estar parada, não permitiram aos operários que se aproximassem. O resultado foi desastroso para os guardas. Em dois tempos o piquete desarmou os policiais, colocou-os em desabalada carreira e calmamente levou os fuzis para o sindicato onde o Secretário de Segurança mandou buscá-los.

O incidente, fruto de um

POLICIA ENTREGA AS ARMAS

Além de um elevado espírito de solidariedade, os operários são unânimes em afirmar que todas as suas reivindicações, oriundas da desvalorização dos salários, têm a mesma origem: a política econômica desenvolvida pelo governo federal, política de mais carestia contra o povo, e ao mesmo tempo fazendo gordas concessões aos grandes trustes internacionais.

Em todas as assembléias de sindicatos, em todas as conversas dos trabalhadores, ouvia-se a mesma afirmação: enquanto o governo federal não modificar estruturalmente sua política, os operários terão de recorrer às greves para obter as condições necessárias para o trabalho e para o sustento de suas famílias.

mal-entendido, como frisaram as autoridades estaduais e os dirigentes do sindicato, por pouco não provocou a entrada de outras categorias em greve, o que não foi necessário em vista do imediato esclarecimento por parte da polícia.

«VAQUINHAS», ESPÍRITO DA UNIDADE

Unidos, os trabalhadores fluminenses estão mantendo uma das maiores greves da história do Estado.

Enquanto um rodoviário afirmava que podia entrar em greve, "pois tenho algum dinheiro guardado", os trabalhadores na construção civil não podiam dizer a mesma coisa, pois seus salários mal dão para sustentar a família. Para remediar esta situação, apelando-se para o espírito unitário dos trabalhadores fluminenses, foi possível iniciar uma campanha de auxílio aos empregados na construção, organizando-se em todos os sindicatos as "vaquinhas" que têm dado o suficiente para que os que mais precisam não passem necessidades enquanto estão defendendo melhores dias para suas famílias.

Unidos, os trabalhadores fluminenses estão mantendo uma das maiores greves da história do Estado.

Enquanto um rodoviário afirmava que podia entrar em greve, "pois tenho algum dinheiro guardado", os trabalhadores na construção civil não podiam dizer a mesma coisa, pois seus salários mal dão para sustentar a família. Para remediar esta situação, apelando-se para o espírito unitário dos trabalhadores fluminenses, foi possível iniciar uma campanha de auxílio aos empregados na construção, organizando-se em todos os sindicatos as "vaquinhas" que têm dado o suficiente para que os que mais precisam não passem necessidades enquanto estão defendendo melhores dias para suas famílias.

AS CAUSAS DA FOME

Além de um elevado espírito de solidariedade, os operários são unânimes em afirmar que todas as suas reivindicações, oriundas da desvalorização dos salários, têm a mesma origem: a política econômica desenvolvida pelo governo federal, política de mais carestia contra o povo, e ao mesmo tempo fazendo gordas concessões aos grandes trustes internacionais.

Em todas as assembléias de sindicatos, em todas as conversas dos trabalhadores, ouvia-se a mesma afirmação: enquanto o governo federal não modificar estruturalmente sua política, os operários terão de recorrer às greves para obter as condições necessárias para o trabalho e para o sustento de suas famílias.

UNIDADE

Honorino Gomes Ribello, da delegação da Paulista, quando intervinha nos debates para pedir unidade e mais unidade dos ferroviários, apoio irrestrito ao Pacto dos Ferroviários e às instruções emanadas do CGT pelas reformas de base.

NOVOS FUMOS

Propriedade da EDITORA ALIANÇA DO BRASIL LTDA.

Diretor
Orlando Bomfim Júnior
Diretor Executivo
Fragmom Carlos Borges
Redator Chefe
Luís Cassiano
Gerente

Guttemberg Cavalcanti
Redação: Av. Rio Branco, 207, 17.º andar, sala 1712 — Telefone 42-7844

Gerência: Av. Rio Branco, 207, 9.º andar, sala 905

Endereço telegráfico: NOVOSRUMOS

EDIÇÃO DE MINAS GERAIS
Redação e Administração: Rua dos Carijás 121, 2.º andar, S/204
Tel. 4-8666 — Belo Horizonte

Sucursal de São Paulo
Rua 15 de Novembro, 228, 8.º andar, sala 827 — Telefone 33-0453

Sucursal do Paraná
Rua José Loureiro, 133 — 3.º andar, sala 311 — Curitiba

Assinaturas
Anual Cr\$ 1.000,00
Semestral » 500,00
Trimestral » 250,00

Assinatura Adreá
Anual Cr\$ 2.300,00
Semestral » 1.200,00
Trimestral » 600,00
Número avulso » 20,00
Número atrasado » 30,00



Ferrovários Paulistas Reiteram Apoio ao CGT: Unidade na Luta Pelas Reformas de Base

São Paulo (Bucurasal) — O II Encontro dos Trabalhadores Ferroviários do Estado de São Paulo, realizado entre os dias 13 e 15 últimos, em Campinas, debateu os principais problemas que afetam a categoria, tomando importantes resoluções, inclusive quanto aos problemas nacionais. Participaram do Encontro 16 delegados das nove estradas de ferro do Estado, sendo representados também os inativos. Todas as resoluções foram aprovadas por unanimidade, o que consagra a unidade que presidiu ao Encontro. Promovido pelos sindicatos e associações de trabalhadores ferroviários desse Estado, sob o patrocínio da Federação Nacional dos Trabalhadores Ferroviários, a reunião assumiu extraordinário destaque precisamente porque no momento, forças divisionistas procuram por todos os meios cindir o movimento operário.

FEDERALIZAÇÃO E ESTATUTO ÚNICO

O Encontro aprovou importantes teses, a favor da federalização de todas as ferrovias brasileiras, pela adoção de um estatuto único para todos os ferroviários e pelo direito de su-

dicalização, igualmente para toda a categoria, sem exceção de nenhum Estado. Estas três reivindicações que assinalam o centro de um roteiro de lutas, darão novo impulso à unidade dos ferroviários brasileiros e à generalização das conquistas já alcançadas pelos seus setores mais avançados.

O Encontro debateu também os vários problemas relativos à previdência social, sendo veementemente condenado o descabro reinante no IAPFESP e aprovado um pedido de providências ao ministro do Trabalho.

PELAS REFORMAS DE BASE

As lutas do povo brasileiro pela completa emancipação nacional e pelo progresso social, tiveram excepcional realce sendo aprovadas inúmeras moções de cunho antiliberalista e democrático. Assim, os participantes do Encontro decidiram pedir ao Governo a imediata suspensão de suas negociações com o FMI e a pronta decretação da moratória; o tombamento das empresas estrangeiras para emancipação pelo custo histórico; a efetiva aplicação da lei sobre remessa de lu-

ros para o exterior; a realização, sem delongas, de uma reforma agrária radical, com a prévia reforma da Constituição; a regulamentação dos arrendamentos e a rigorosa aplicação do Estatuto do Trabalhador Rural aos trabalhadores agrícolas; a reforma da Lei Eleitoral, com a revogação do art. 58, a extensão do direito de voto aos analfabetos, soldados e marinheiros, bem como a posse dos candidatos populares eleitos no último pleito. Foram igualmente levantados protestos contra atentados à liberdade sindical registrados em vários pontos do País, mas notadamente em São Paulo, na capital e em Santos, bem como contra as atividades divisionistas do sr. Gilberto Crockatt de Sá no seio do movimento sindical brasileiro. Foram ainda aprovadas moções pedindo a liberdade do líder camponês Joffre Corrêa Neto e expressando votos para que os mais altos dignitários da Igreja saubam escolher um digno sucessor de João XXIII. Finalmente o plenário aprovou, sempre por unanimidade, uma moção de apoio irrestrito ao CGT na luta pela conquista das reivindicações de sua plataforma e na preparação da greve geral pe-

las reformas de base, sendo recomendado que todos os sindicatos ferroviários convoquem assembléias para dar conhecimento das resoluções e para a adoção de medidas indispensáveis para sua concretização.

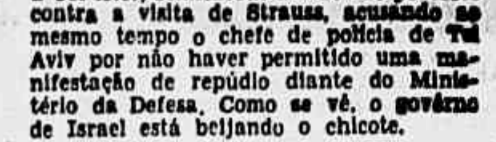
A FACE DE KRUEL
O II Encontro Estadual dos Ferroviários Paulistas foi encerrado sob manifestações de entusiasmo. Fazendo a multidão o padre Milton Santana, depois de exaltar a figura do padre Alípio "que se recusou a transformar-se em burguês para defender os humildes", disse que sua prisão, por ordem do general Kruel dispensava qualquer outra denúncia de deputados ou senadores, para provar o reacionarismo do ex-ministro da Guerra. O auditorio de pé aplaudiu as palavras do padre Milton Santana.

A mesa que presidiu os trabalhos de encerramento do Encontro estava integrada pelos srs. Rafael Martinelli e João Batista Francisco, respectivamente; presidente e secretário da Federação Nacional dos Ferroviários; sr. Souza Freitas, representante do Secretário do Transportes, deputados, vereadores, dirigentes sindicais e vários convidados especiais.



BEIJANDO O CHICOTE

Foi recebido afetosamente pelas autoridades de Israel o ministro Franz Josef Strauss, ex-ministro da Guerra do governo de Bonn. Sua chegada foi marcada em segredo, para evitar as justas manifestações de revolta do povo israelense. No entanto, os estudantes da Universidade de Bar-Ilan, próximo a Tel Aviv, realizaram um ato de protesto contra a visita de Strauss, acusando ao mesmo tempo o chefe de polícia de Tel Aviv por não haver permitido uma manifestação de repúdio diante do Ministério da Defesa. Como se vê, o governo de Israel está beijando o chicote.



ALEMANHA RACISTA

Também na Alemanha ocidental há discriminação racial contra os estudantes de cor. Em Francforte-sobre-o-Meno, há poucos dias, houve várias incidentes depois de uma conferência contra a cruel exploração a que é submetida Angola e o sangrento terror colonial. Também estudantes árabes são constantemente humilhados na Alemanha ocidental, e tratados como "pessoas de segunda categoria". Um estudante alemão chegou a dizer, com o apoio de vários colegas, que os povos africanos não têm condições de se tornar independentes. O espírito de Hitler ainda vagava por aquelas bandas.

EUA: DE NORTE A SUL

Em Chicago vivem 3.600.000 pessoas. A quarta parte da população é negra. Ali, os habitantes de cor estão privados de direitos, da mesma forma que no Sul. Em sua enorme maioria, vivem nos chamados "bairros negros", que são uma espécie dos famosos "apartheid" da União Sul Africana. Os negros ocupam em Chicago apenas 5 a 6% de sua superfície; não são negros, mas portorriquenhos e outros cidadãos de pele não branca. E cada vez mais difícil encontrar trabalho. E os que o conseguem são obrigados a aceitar salários consideravelmente menores que os pagos aos brancos. Na verdade, Chicago não é uma exceção, mas uma regra que é geral em qualquer cidade dos Estados Unidos, no Sul ou no Norte. A propósito, uma estatística do Alabama: no começo da Segunda Guerra, ocupava o quinto lugar entre os Estados com maior número de lictamentos.

TERROR NA GRÉCIA

Continuam sendo arguidos protestos em toda a Europa contra o assassinato do patriota grego e deputado Grigoris Lambrakis, covardemente atado por terroristas a serviço da reação. O deputado Grigoris Lambrakis era um herói em sua pátria, por quem lutou durante toda a ocupação nazista. O Comitê Internacional pela Anistia e Respeito aos Direitos Humanos na Grécia acaba de denunciar o assassinato e apelou à opinião pública mundial para que tome posição contra as brutais ações que atingem os democratas gregos.

ELEIÇÕES LIVRES

Na Argentina, continuam brincando de democracia representativa, com vistas às próximas eleições. Os gorilas resolveram agora vetar um candidato, Solano Lima, acusando-o de peronista. Os boqueiros do governo dizem, enquanto isso, que "não têm candidatos". Por outro lado, querem processar Frondizi e o ministro do Interior já exigiu do presidente argentino que está preso há mais de um ano. Também é acusado de peronismo. E a OEA, preocupada com questões mais importantes, ainda não teve tempo de pronunciar-se.

PÂNICO EM LONDRES

Está em pânico o governo conservador britânico. Vários ministros ameaçam pedir demissão, diante do escândalo Profumo-Christine Keeler.



ficiais", Macmillan e seu governo "provavelmente cairão". Por outro lado, disse que o povo inglês, com seu reconhecido senso de humor, é de opinião que "um pecadilho não pode tornar Profumo um homem mau, de repente". E a lavagem de roupa suja continua, com um médico da Corte envolvido em atividades não muito limpas. Continuemos saboreando o prato ocidental.

PRISÕES INTERMITENTES

Na Venezuela, temos uma nova do democrata Rómulo Betancourt. Anunciando o fracasso de um atentado contra sua preciosa vida, Rómulo mandou prender uns 40 ou 50 mil comunistas. E afirma que os manterá presos durante 15 ou 30 dias, o máximo permitido pela "lei". Depois os soltará e os tornará a prender, por novo período de 15 ou 30 dias. E assim continuará, nessa brincadeira de cão e gato. Como haverá eleições em novembro, os gatos estão meio desconfiados com os planos caninos de prisões intermitentes. E acabam arranhando os cães...

Oposição

O demorado parto do novo Ministério ainda não estava concluído, quando redigimos este comentário. Da ninhada a prestações, apenas alguns ministros tinham surgido. Mesmo assim, pelo existente já se pode adiantar uma primeira opinião.

E certo que também neste Ministério se constata a presença — como exceção e não como regra — de cidadãos ligados a correntes progressistas. Mas, a própria experiência nos mostra a importância relativa de tal fato.

Foi sem dúvida positiva, no Ministério anterior, a orientação imprimida pelo sr. Almino Afonso à pasta do Trabalho e pelo professor João Mangabeira à pasta da Justiça. Verificou-se, entretanto, que eles não passaram de vozes discordantes dentro do Governo, negativamente valiosas por constituírem pontos de resistência à política geral que vinha sendo seguida e de apoio à luta contra a mesma. Impotentes, porém, para modificá-la e substituí-la por outra que correspondesse às necessidades nacionais e aos anseios populares. O que predominou, tendo por base o conjunto da composição do Ministério, seu caráter conciliatório com as forças reacionárias nele representadas, foi uma orientação de compromisso e concessões ao imperialismo e ao latifúndio. As reformas de estrutura não saíram. Nem sequer se realizou a emenda ao parágrafo 16 do artigo 141 da Constituição, indispensável a uma lei de reforma agrária que mereça esse nome. Muito ao contrário, o que se procurou pôr em prática foi a política econômico-financeira ditada pelo FMI, foi o Plano Trienal, cujas desastrosas consequências são reveladas, com evidência crescente, pela acentuada elevação do custo da vida (quase o dobro, nos cinco primeiros meses deste ano, do registrado em idêntico período de 1962) e pela progressiva redução das atividades industriais e comerciais. Ao invés, assim,

de medidas efetivas contra a exploração imperialista e a exploração latifundiária, de uma política de reformas de base, voltada para o desenvolvimento independente da economia do País e para o bem-estar das amplas massas, o Governo seguiu uma política de sentido oposto. E os resultados estão aí.

Como não podia deixar de acontecer, a essa política, que se choca com os interesses da maioria da Nação, opuseram-se as forças progressistas, dos operários a setores da burguesia. E foi precisamente a luta de massas contra essa política que, refletindo-se no seio das classes dominantes, dentro do próprio Governo, provocou a desagregação do anterior Ministério, que não conseguiu manter-se. E que vemos agora? Vemos que o novo Ministério também se compõe sobre a base do compromisso com a reação e se propõe a prosseguir na mesma orientação antinacional e antipopular. O sr. Carvalho Pinto foi confirmado, embora neste momento ainda não empossado, no Ministério da Fazenda, pasta definidora dos rumos do Governo, anunciando-se que continuará a política econômico-financeira ditada pelo FMI e com tanto ardor defendida pelo sr. San Tiago Dantas.

As correntes nacionalistas e democráticas, em consequência, só podem seguir o caminho da oposição ao novo Ministério e de luta contra a sua política. Ainda não tendo atingido seus objetivos, apesar dos importantes êxitos e vitórias alcançados, devem intensificar sua ação organizada e unitária, na defesa dos interesses imediatos das massas, contra a carestia de vida, contra o Plano Trienal e as imposições do FMI, contra a negociata da compra da Bond and Share, pelas reformas de base, concentrando no momento na reforma agrária, pela constituição de um governo nacionalista e democrático. O Ministério que está nascendo não tem futuro, viverá pouco.

Reforma agrária

A Câmara dos Deputados aprovou, embora por escassíssima maioria, o pedido de urgência para o projeto Milton Campos sobre a utilização das terras em nosso país. Esse projeto vem sendo apresentado como se fosse de reforma agrária. Em verdade, porém, trata-se precisamente do oposto, isto é, de uma proposição que visa a impedir a realização de uma autêntica reforma agrária.

A opinião pública já está perfeitamente esclarecida acerca de que é imperioso alterar-se o § 16 do artigo 141 da Constituição Federal para que seja possível a desapropriação dos latifúndios, uma vez que aquele dispositivo obriga o pagamento, em casos de bens desapropriados, em dinheiro e previamente. Ora, não se pode pensar em reforma agrária sem a desapropriação dos latifúndios e a consequente distribuição entre os

camponeses das terras por eles dominadas. Do mesmo modo, não se pode pensar em desapropriação sem que seja alterado o referido dispositivo constitucional, a fim de que o pagamento venha a ser feito em títulos públicos e a longo prazo.

Pois bem: o projeto do sr. Milton Campos institui uma "reforma agrária" sem tocar no artigo 141 da Constituição. Sem tocar no latifúndio, portanto. De que reforma agrária se trata, então?

O fato de ter sido aprovada a urgência para esse projeto constitui uma evidente manobra contra a reforma agrária e mostra quanto é necessário às forças democráticas redobrar a sua luta e a sua pressão sobre o Parlamento e o Governo no sentido de ser alterada a Constituição, naquele artigo, e aprovada uma reforma agrária de verdade.

Empulhamento

O sr. San Tiago Dantas lutou até o último instante, queimando todos os cartuchos, para continuar à frente do Ministério da Fazenda. Não conseguiu, porém, evitar que se lhe desviasse a mão e que significasse uma mudança de rumos — a passagem de uma política de submissão ao imperialismo e agravamento das condições de vida do povo para uma política de independência, progresso e elevação do padrão de vida das grandes massas. A indicação do sr. Carvalho Pinto para substituí-lo revela justamente que o presidente Goulart insiste numa política econômico-financeira que, por não variar em aspectos secundários, se mantenha nos quadros da dependência aos esquemas aprovados por Washington. Não por acaso, já está aí o Globo saudando o novo ministro.

Ao deixar o Ministério, porém,

o sr. San Tiago concedeu uma entrevista — longa e retórica, como costumam ser os seus pronunciamentos — cheia de conselhos, vaticínios, ameaças veladas e julgamentos. É curioso como o professor não se desencarna do papel de "gênio incompreendido". Na entrevista, considera que a alienação ao FMI — isto é, aos interesses dos grupos imperialistas, sobretudo lanques, que leva a atos de traição como a compra da Bond and Share — constitui o caminho da "salvação", embora conduzindo ao entranhamento de nosso progresso e à miséria crescente de milhões e milhões de brasileiros. O professor insiste em sistematizar o empulhamento, até ao ponto de considerar antinacional, não a sua política nefasta, mas a "orientação patriótica da suposta "esquerda negativa". Empulhamento que já passou a ser ridículo.

Padres da Bahia

Os assistentes eclesiásticos dos movimentos de ação católica da Arquidiocese de Salvador, sacerdotes de diferentes ordens, tornaram público um manifesto condenando energeticamente as medidas de violência de que foi vítima, naquela capital, o Frei Jerônimo de São Calvanti — medidas adotadas por ordem do comando da VI Região Militar, ao que se sabe com a autorização prévia do ex-ministro Amauri Kruehl.

Os sacerdotes balanços, todavia, não visam em seu manifesto unicamente o episódio em que foi enforcado D. Jerônimo. Ao contrário, dão ao seu documento um sentido e um alcance mais amplos, repudiando a intolerância dos que, através de atos daquela natureza,

o que pretendem na realidade é impedir a realização das reformas de estrutura e as reivindicações justas e legítimas da classe trabalhadora injustiçada e oprimida, — diz o manifesto —, reivindicações consubstanciadas na luta de suas organizações de classe."

O pronunciamento dos assistentes eclesiásticos de Salvador reflete, sem dúvida, o pensamento de uma boa parte dos fiéis católicos e de um número cada vez maior de sacerdotes brasileiros — especialmente daqueles que têm contato direto com o povo e sentem, assim, quanto é necessário e urgente encaminhar-se uma solução progressista para os problemas que temos pela frente.

Os padres da Ação Católica da Bahia dão um bom exemplo.

A "Aliança para o Progresso" já está devidamente caracterizada como um forte suporte da indústria anticomunista e não val resolver nada de fundamental. Desde o início, aliás, desacreditada de sua sinceridade — declarou em entrevista concedida ao jornalista Everaldo Gomes, do Jornal de Comércio do Recife, e publicada por aquele matutino pernambucano em sua edição de 16 do corrente, o general Osvino Ferreira Alves, comandante do I Exército.

Tomei conhecimento pelos jornais, — prosseguiu o chefe militar — da presença do embaixador americano em Brasília, inaugurando canos d'água no Nordeste, e uma esplanada aqui ou acolá. Isso não resolve coisa nenhuma. O povo não precisa de esplanada de comidão. O povo precisa de trabalho, para produzir para si e para o País. As reformas poderão dar uma oportunidade a todos os trabalhadores: milhares de homens e mulheres esmagados por uma estrutura arcaica, violenta e improdutivo.

Após dizer que os Estados Unidos temem o futuro grandioso do Brasil e que o nosso País será rico e progressista "dentro de relativo pouco tempo", o general Osvino afirmou: — Isso desagrada os Estados Unidos que tudo fazem para dividir as forças vivas da nação brasileira, retardando a união nacional, independente das opiniões diversas dos partidos políticos. Na hora em que esta Pátria gigante se uniu, não em termos de política partidária, mas em termos de Brasil, aumentando a sua potencialidade, a sua indústria, o seu comércio, os Estados Unidos perderão determinados setores do seu mercado externo, e isto não interessa a nenhuma potência imperialista.

REFORMA AGRÁRIA

Indagado sobre sua posição em face das reformas de estrutura, respondeu o general Osvino Ferreira Alves: — Sou favorável a to-

das as reformas. O latifúndio, que provoca a monocultura, é um dos piores provocadores de miséria em qualquer país. Sou a favor, portanto, da reforma agrária, que dá terra, técnica e financiamentos a quem nada tem e vive morrendo de fome e com a sua família, trabalhando para que os outros enriqueçam a contento, quando come, alimentos de terceira classe. Aliás, uma estrutura que expõe ao povo de um país a venda de alimentos como arroz, carne e outras mercadorias de primeira necessidade, classificando-os em tipos (primeira, segunda e terceira categorias), não merece e não pode se impor ao respeito de seus filhos e da civilização. Não pode e não deve existir hierarquia de estômago.

Aquêles que teimam em sustentar o atual estado de coisas, — continuou o general — pelos privilégios que desfrutam, afirmam que os nossos camponeses precisam primeiro educar-se, para alcançar e não deturparem os reais objetivos da reforma agrária. Ora, para trabalharem para os outros e ajudarem o desenvolvimento do Brasil, com o suor de seu rosto, os camponeses não precisam ser educados; agora para construir o seu próprio sustento, naquilo que eles estão acostumados a fazer, precisam estudar agronomia?

Estudos sociais Nº 16

GOLPE NÃO TEM VEZ

Mais adiante o general Osvino asseverou que a indicação do general Jair Dantas Ribeiro para o Ministério da Guerra foi recebida com o maior respeito e alegria no seio das classes armadas e do povo em geral. "em face do comportamento cívico de soldado e de brasileiro do general Jair".

Sobre a discutida questão de sua reforma compulsória, afirmou: — Por não me preocupar com a minha permanência ou não à frente do I Exército, confesso que desconheço a lei ou as leis que dariam cobertura

legal à minha continuação como comandante.

Em seguida contestou firmemente a versão de que sua nomeação para o Ministério da Guerra teria provocado uma aguda crise militar e civil: — Não provocaria coisa nenhuma, disse. — As forças armadas, — continuou — acatarão e defenderão toda e qualquer decisão do seu Chefe Supremo que é o presidente da República. No Brasil não há mais lugar para golpistas.

ULTRAPASSADO

Fazendo blague, o general Osvino Ferreira Alves assim expressou-se quando o repórter disse que em certos círculos o comandante do I Exército era considerado um agitador: — Tudo depende do ponto de vista do observador e, também, das épocas. Comparado ao meu pensamento atual com o que se defendia na Idade Média, na idade da "pedra lascada", na renascença, eu sou um revolucionário: comparado com a encíclica Paz na Terra do papa Pio XII, eu sou um conservador ultrapassado.

ESTUDOS SOCIAIS Nº 16

O último número de ESTUDOS SOCIAIS, que se encontra nas bancas de jornais, apresenta uma série de artigos de grande interesse, entre os quais podemos destacar, por sua atualidade, o de Helga Hoffmann — "O Plano Trienal e a inflação" — e o de Leandro Konder — "Marxismo e cristianismo: pressupostos de um diálogo". Este número da revista apresenta também, artigo sobre o problema das migrações internas — de autoria do dr. Menandro Novais — e trabalhos sobre arte — de Ary de Andrade, L. Jorge Werneck, Ernst Fischer — crítica, de Wanderley Guilherme, e história — sobre a Revolução de 1817 e sobre o Primeiro Congresso Operário Brasileiro.



CRÔNICA DE BRASÍLIA — mesmo entendo

Nes bastidores da crise

Escrevemos esta nossa crônica quando o processo de reforma ministerial ainda não se encontra terminado, sendo assim, não existem ainda fixados os pontos de vista da maioria dos deputados a respeito do novo governo. Resta-nos pois somente fornecer algumas informações sobre detalhes da "luta de foice" travada nos bastidores pela indicação de alguns titulares do Ministério.

Em primeiro lugar, é digno de nota o comportamento dos setores reacionários a respeito da substituição do general Kruehl. Sabia-se, de longa data, que o ex-ministro da Guerra estava entrando no dispositivo militar golpista, que tem como cabeça o veterado conspirador Córdelo de Farias e, como líder civil, o governador Lacerda. Kruehl se liga a esse através de Danilo Nunes e de Gustavo Borges. O presidente da República se recusava a aceitar a evidência dos fatos, mas foi recebendo informações cada dia mais concretas sobre a trama antilegalista encabeçada por Kruehl.

Dados seguros sobre locais de reuniões do ex-ministro com os golpistas: suas declarações a subordinados, etc., tudo foi reunido e levado a Jango. De outro lado, suas posições políticas, transferindo argumentos nacionalistas, criando o incidente com o coronel Assis Brasil (caso com os gorilias argentinos), as arbitrariedades contra o padre Alipio, foram tornando insustentável a permanência de Kruehl. Mas não foi fácil demitir o líder do manifesto dos coronéis de 1952. A reação na Câmara celebrou-se mobilizando em favor daquele que para ela representava um valioso ponto de apoio. Chegou a UDN a fiar de vigília toda uma noite, conforme confessou o

de San Tiago Dantas era insustentável. Fracassou, assim, redondamente, o "côrebro eletrônico" do Ministério.

A luta na Câmara prossegue. Com o término da reforma ministerial volta ao primeiro plano o debate sobre a reforma agrária. A UDN, que busca eliminar a discussão desse tema, que se processa intensamente no País, procura apodadamente fazer aprovar um projeto qualquer dito de reforma agrária. Assim, tomou nas mãos a proposição oriunda do Senado, de autoria de um grupo organizado na época do ex-presidente Jânio Quadros, e que foi apresentada pelo senador Milton Campos. Tal proposição embora em aspectos secundários contenha inovações positivas, não atende à reivindicação principal dos que se batem pela reforma agrária, que é a modificação do inciso constitucional que impede o pagamento das indenizações aos proprietários desapropriados com títulos da dívida pública. Aproveitando o descontentamento de várias áreas com a reforma ministerial, conseguiram os líderes udenistas, com apoio de largo setor do PSD, aprovar a urgência para o projeto Milton Campos.

A PPN, em reunião realizada na noite de terça-feira, decidiu não aceitar qualquer entendimento em torno desse projeto e tomou algumas providências para a mobilização de forças para fazer rejeitar o chamado "Estatuto da Terra". Nesse instante, urge que as forças democráticas compreendam que a Câmara dos Deputados entrou na hora aguda da decisão sobre a reforma agrária. Mais do que nunca, o Congresso Nacional necessita ser acompanhado de perto pela opinião pública, para que atenda aos reclamos da imensa maioria do povo brasileiro, que exige a alteração da estrutura agrária obsoleta e injusta.

Lubrificantes: eis a exploração imperialista

Foi divulgada esta semana a tabela de preços dos óleos lubrificantes do tipo "motor oil", consequência prática da resolução adotada pelo Conselho Nacional do Petróleo, em maio último, de disciplinar os preços desses derivados de petróleo. Sabe-se que o tabelamento dos lubrificantes vinha sendo tentado há cerca de cinco anos, desde quando, em 1958, foi aprovada indiretamente pelo então conselheiro Jesus Soares Pereira no mesmo tabelamento de que um simples tabelamento se tenha arrojado por tanto tempo não é de nenhum modo, casual. Decorreu precisamente da tenaz resistência oposta pelos trustes que importam e distribuem os lubrificantes. Conforme temos tratado mais de uma vez neste jornal, aos lubrificantes, que representam menos de 2% do conjunto de derivados de petróleo consumidos no Brasil, em termos físicos, correspondem nada menos de 20% do valor apurado com a venda desses mesmos produtos no mercado nacional. Como o mercado brasileiro de derivados de petróleo, segundo os dados oficiais, deve ultrapassar a casa dos 500 bilhões de cruzeiros por ano, segue-se que a parcela tocante aos lubrificantes é superior a 100 bilhões de cruzeiros.

Na indicação a que nos referimos, o sr. Soares Pereira demonstrou que, naquele ano, em cada lata de lubrificantes vendida por 70 cruzeiros, apenas 55 cruzeiros representavam despesas. O restante era lucro líquido, ou seja, no preço do produto, 50% representavam despesas e 50% lucro líquido. Como nada indica que essas proporções se tenham

modificado desde então, no faturamento global de 100 bilhões, estimado para este ano, os lucros das companhias distribuidoras de lubrificantes devem elevar-se a cerca de 50 bilhões de cruzeiros.

De acordo com o que foi publicado pela imprensa, o tabelamento significará em certos casos uma redução de até 40% sobre os preços atuais. Que lucros podem ser tirados desse fato? Que mesmo sendo mantidas razoáveis margens de lucros para distribuidores e revendedores, o preço de uma mercadoria amplamente consumida pode sofrer grande baixa. Se atentarmos para o fato de que essa mercadoria é vendida quase que totalmente por companhias estrangeiras — os trustes do petróleo — concluiremos que a economia nacional vem sendo submetida a uma terrível sangria, que é apenas uma parte, um aspecto, do processo espoliativo que o Brasil sofre.

De outro lado, a sensível baixa nos preços dos lubrificantes constitui a prova mais convincente de que a ausência do Estado no terreno dos preços sómente prejudica os consumidores. Pode-se, agora, imaginar em que níveis estariam os preços da gasolina e outros derivados se, como até aqui se dava com os lubrificantes, fossem deixados ao arbítrio dos trustes do petróleo.

O tabelamento dos lubrificantes, por fim, vem mostrar que as forças nacionalistas não podem deixar de lutar contra o imperialismo quando afirmam que só atacando de frente a exploração imperialista poderemos encontrar solução para os grandes problemas nacionais.

Udeno-Ademarmismo

J. Cascaes

Está em franco andamento, sobre a base de uma aliança entre Ademair de Barros e a UDN, a preparação em São Paulo de um esquema golpista, em que se preconiza abertamente a resistência armada à emenda constitucional e a reforma agrária. Os protestos feitos pelo governador à denúncia que nesse sentido foi formulada pelo deputado Bocaiuva Cunha, da tribuna da Câmara Federal, não passam de um desmentido que nada desmente. Os fatos vão muito mais do que a palavra sem fé e sem fundamento de Ademair.

A verdade é que a articulação golpista está sendo feita às claras em São Paulo, com a participação pessoal do próprio governador. A esse respeito é bastante expressivo o depoimento do jornalista Hermanno Alves, que há dias esteve em São Paulo, em contato com os círculos econômicos e políticos. Diz o jornalista na Folha de São Paulo do dia 13 último: "Soube que os honens de negócio e de meia-idade, acostumados a cuidar de problemas comerciais e industriais, estão sendo aconselhados pelo próprio governador Ademair de Barros a prepararem-se para a resistência. São Paulo precisa armar-se. Recuperar o espírito de 32". Revelação mais grave é feita pelo mesmo jornalista, no dia seguinte, no Jornal do Brasil: "E, nesse mesmo tempo, o governador Ademair de Bar-

ros, alguns de seus secretários e militares (da reserva e da ativa), vinculados à administração, estão promovendo reuniões de industriais e comerciantes, de ex-alunos da Escola Superior de Guerra e de profissionais liberais, no Jóquei Clube, no Clube Harmonia, no Monte Líbano e em residências particulares, para obter fundos para a "resistência ao comunismo" e para organizar quadros capazes de agir contra qualquer tentativa de greve geral ou de ação revolucionária. Nos meios conservadores de São Paulo, admite-se, francamente, a hipótese de uma situação coordenada dos governadores de São Paulo e da Guanabara, no mês de agosto, para conseguirem a substituição do presidente da República".

Podemos afirmar que tais denúncias têm toda a veracidade. Por todo o interior do Estado sucedem-se as concentrações de latifundiários: em Campinas, Amparo, Birigui, Araguaçu, etc., enquanto outras estão sendo programadas. Nessas reuniões, vem participando como a principal vedeta o ex-presidente da UDN, banqueiro Herbert Levy, cujo principal lema, numa grossa e misteriosa "votação" ao espírito de 32". Com esta chantagem, o Levy e seus companheiros querem sugerir que deve partir de São Paulo a resistência armada — mas, desta vez, contra aspiarações como a reforma agrária, exigência

Deve-se assinalar que no "clã democrático" do udeno-ademarmismo estão introduzindo o rebulhão do plebiscito, como o tristemente conhecido Antônio Pereira Magaldi, o visionista do chamado "Movimento Sindical Democrático", máscara através da qual a burocracia norte-americana e o IBAD tentam cindir a unidade dos trabalhadores brasileiros.

Os entreguistas e reacionários estão, de fato, muito assanhados em São Paulo. Daí a necessidade de denunciar sistematicamente o seu trabalho de sapa e contrabulhar para que os trabalhadores e todas as demais forças progressistas redobrem a sua luta pelas reformas de estrutura, prontas para esmagar, no primeiro instante, qualquer tentativa de golpe que parta do udeno-ademarmismo.

FORA DE RUMO — paulo motta lima

Em Nova Iguaçu apareceu um pregador da reforma agrária, o padre Anibal Magalhães. Tomou o lugar de David Miranda, dias antes assassinado. O padre Anibal (da Igreja do bispo de Maurício) utiliza em sua pregação um livro mal visto pelo cardeal D. Jaime Câmara e pelo general Nelson de Melo. Esse livro é a Bíblia. O padre costuma citar em seus discursos estas palavras do livro que hoje a Santa Inquisição do capitalismo começa a pôr no index: "Colherá o fruto da terra o homem que trabalhar a terra". Um belo conceito, mas o cardeal e o general argumentam que o homem que trabalha a terra, além de trabalhá-la, deve curar-se, apanhar o fruto e entregá-lo ao fazendeiro. Pode esse fazendeiro ser o mesmo que mandou matar David Miranda, hoje não tem importância.

Passam-se essas coisas memoráveis quando se acirra a luta contra o monopólio da terra. Os correligionários do cardeal Jaime Câmara e do general Nelson de Melo julgam também subversivo o projeto de reforma agrária que o sr. João Goulart apóia. Embora esse projeto contenha concessões absurdas e até escandalosas, as quais transformam a reforma agrária num excelente negócio para os latifundiários.

O cardeal, o general e todos os golpistas irritam-se quando o padre Anibal repete a Bíblia. Os frutos da terra para quem a trabalha? Isto é subversivo, é quan-

se diabólico. Então o delegado Stênio, de Nova Iguaçu, manda o proprietário da delegacia convidar o padre para uma conversa. O delegado, tal como o cardeal e o general, defende o sagrado mistério da propriedade privada e repreende o padre. Argumenta que o padre deve preocupar-se apenas com a Igreja do bispo de Maura, pois a reforma agrária é assunto da exclusiva atribuição do Congresso, onde mandam os homens das cúpulas partidárias.

Sem dúvida, o palco da luta pela futura lei agrária e o Congresso, mas esta é uma luta que se fere em todo o Brasil. Ela se entrelaça, por menos que o compreendam o cardeal, o general e o delegado de polícia, com outras lutas, como por exemplo a campanha contra a maré do ferro-velho da Bond and Share, hoje parcialmente vitoriosa com a saída dos ministros Kruehl, San Tiago e Babino. Essa luta, ampliando-se, poderá conduzir o sr. João Goulart a exercer o pretilégio de que dispõe, junto aos elementos do Congresso, sempre sensíveis a pressões de quem esteja de cima. Tudo dependerá da mobilização que se fizer em prol de conquistas que interessam a um número sempre crescente de pessoas, conquistadas que giram em torno de ideias que por sua vez atingem a mente de milhões, transformando-se assim em força, em fator de modificações de importância.

Valhacouto de gorilas

A Bolívia abandona o organismo. O representante do Brasil, a sala de reuniões, negando-se a subscrever documento intervencionista. Esta é a situação da OEA, a famigerada organização criada para servir os interesses, lanques, na América Latina. Desagrega-se e se desmoraliza dessa forma a entidade, hoje apenas um valhacouto para as conspirações e tentativas de intervenção dos gorilas lanques e de países latino-americanos contra a luta dos povos pela liberdade e a independência.

Criminosos

Há uma guerra no mundo, desencadeada por um dos mais terroristas e criminosos governos que já se instalaram num país. Os agredidos são os curdos, povo que vive no Iraque e que há anos luta pela autonomia nacional. Agredido é o governo ditatorial daquele país, com uma vasta carreira de crimes e violências em pouco tempo de poder. Desde que derrubaram Kassim, os atuais governantes daquele país do Oriente Médio desencadearam uma vasta onda de repressão contra as forças democráticas e progressistas iraquianas, executando centenas de patriotas e comunistas, mantendo nos cárceres dezenas de milhares de trabalhadores e camponeses. Estão a serviço de uma política nefasta, pró-imperialista e contrária aos interesses nacionais dos povos árabes. A agressão agora contra os curdos, uma verdadeira guerra deflagrada em que são empregados aviões e tanques contra populações inermes, é mais um crime que a humanidade deve repelir. Ferem agora um povo para impedir-lo de conquistar o direito de se autogovernar, aproveitar para o progresso as riquezas do solo em que vive, gozar enfim dos direitos de todos os povos livres e soberanos.

Crise

Os primeiros resultados concretos do voto italiano em 28 de abril começam a surgir, provocando uma crise institucional como há muitos anos não se verificava na nação peninsular. Incapaz de encaminhar a formação do novo governo na forma tradicional, inclinado para a direita, a democracia cristã vê-se também em dificuldades seríssimas para prosseguir na equívoca experiência de centro-esquerda iniciada pelo governo anterior de Amintore Fanfani, com o beneplácito dos socialistas de Nenni. Moro, primeiro ministro indicado, viu sua tentativa de formar gabinete com apoio externo do PSI barrada pela decisão da maioria da Comissão Central desse par-

tido, que negou apoio ao acordo de Nenni com os democratas cristãos. No centro da decisão do PSI está inevitavelmente, a característica do voto depositado nas urnas de 28 de abril: o povo italiano optou por um caminho que leve a Itália para o socialismo através das reformas de estrutura que eliminem o poder dos monopólios e façam os trabalhadores ascenderem cada vez mais às posições dirigentes do país. Outro caminho, compreendido a maioria da CC do PSI, seria traír esta vontade expressa nas urnas, pactuar com as manobras de um partido (a DC) que depois de 18 anos de poder se mostrou incapaz de resolver os grandes problemas da sociedade italiana.

tradicional de submissão dos países latino-americanos. Pretende uma política externa independente e progressista, uma política interna avançada de reformas radicais que extirpem definitivamente os vestígios do colonialismo e permitam a emancipação do seu país. Isto os norte-americanos não toleram. E tramam para provocar uma comção no país, que leve à intervenção de sua parceira Inglaterra, também interessada no sufocamento das forças populares que levaram Jagan à direção do país e em adiar a concessão definitiva da independência à Guiana. Fator também dessa intervenção é o fato de que o governo de Jagan mantém relações comerciais normais com Cuba.

Intervenção

Começa a cair o pano que escondia os reais objetivos das perturbações que vêm ocorrendo na Guiana ainda inglesa, tendo em vista a derubada do governo de Chedi Jagan, eleito pelo povo por maioria esmagadora de votos. Na ONU, o vice-primeiro-ministro daquele país denunciou abertamente as agências ligadas ao governo norte-americano como financiadoras e estimuladoras do movimento. Denunciou, portanto, mais uma intervenção norte-americana nos assuntos internos de um país que caminha para ser definitivamente independente. As razões dessa intervenção são óbvias. Jagan tem para sua nação e seu povo um programa que levará a Guiana para uma verdadeira independência, fora dos quadros

de submissão dos países latino-americanos. Pretende uma política externa independente e progressista, uma política interna avançada de reformas radicais que extirpem definitivamente os vestígios do colonialismo e permitam a emancipação do seu país. Isto os norte-americanos não toleram. E tramam para provocar uma comção no país, que leve à intervenção de sua parceira Inglaterra, também interessada no sufocamento das forças populares que levaram Jagan à direção do país e em adiar a concessão definitiva da independência à Guiana. Fator também dessa intervenção é o fato de que o governo de Jagan mantém relações comerciais normais com Cuba.

TEORIA E PRÁTICA

As classes e camadas médias da nossa sociedade

(Resposta ao leitor Campos Dantas, de Maceió, Estado do Alagoas)

As classes médias compreendem a imensa maioria dos camponeses, os artesãos e os pequenos comerciantes. Têm por propriedade de pequenos meios de produção — mas não vivem da exploração do trabalho alheio. São proprietários — mas são também trabalhadores, explorados pela burguesia e pelos senhores de terras. Daí, sua condição de elemento essencial das forças fundamentais da revolução brasileira. Daí, também, o seu duplo caráter, sua instabilidade e suas vacilações na luta de classes.

constitui parte integrante do proletariado, enquanto apenas uma pequena minoria serve às classes exploradoras. A estrutura da sociedade burguesa é, assim, particularmente complexa. Os ideólogos burgueses servem-se disso para tentar encobrir os antagonismos sociais, acenar com o avanço para uma sociedade sem classes — mesmo sob o regime capitalista — e, assim, negar a luta de classes e a revolução social. É esta a essência da "teoria da classe média". Definem como classe média um conjunto arbitrário e heterogêneo: pequenos proprietários, funcionários, a intelectualidade, setores da burguesia e parte da classe operária. Utilizam o crescimento do aparelho de Estado e o surgimento de novos ramos instáveis de pequenos proprietários, como apêndice de certas indústrias, para proclamarem que a "classe média" não se desagrega, mas cresce constantemente. E que o proletariado e a burguesia tendem a diluir-se, a deixar-se absorver por ela, num processo indolor e natural.

Todo esse grupo social define-se igualmente como pequena burguesia. Na linguagem comum, costuma-se designar assim o conjunto de classes e camadas médias e setores intermediários das cidades. Alguns autores soviéticos, como Semionov ("Estudos Sociais", n. 11, 1961) e Tchepirakov ("O Comunista", n. 5, 1959), limitam o conceito de pequena burguesia à pequena produção urbana: artesãos, pequenos industriais e pequenos comerciantes. Os "Fundamentos do Marxismo-leninismo" e as demais publicações da Academia de Ciências da URSS reconhecem-lhe, porém, a mesma amplitude do conceito de classes médias, isto é: o conjunto dos pequenos proprietários, tanto na cidade como no campo.

Os fatos mostram, entretanto, que a burguesia concentra e reforça sua propriedade sobre os meios de produção e sobre o Poder político, através dos monopólios e do capitalismo monopolista de Estado. Ao mesmo tempo, o desenvolvimento da classe operária ultrapassa, em ritmo e proporções, o crescimento das classes e camadas médias em seu conjunto — mesmo em países subdesenvolvidos como o nosso. Há 20 anos, as classes e camadas médias constituíam, ainda, a maioria da população brasileira. Hoje, o proletariado industrial e os assalariados agrícolas somam 10 milhões de trabalhadores (e mesmo 14 milhões, com os que trabalham nos bancos, no comércio e nos transportes).

As classes médias não constituem, porém, o único grupo social que ocupa posição intermediária entre o proletariado e a burguesia. Há ainda toda uma série de camadas e setores que, não sendo possuidores de meios de produção, têm situação semelhante: são os empregados, os funcionários e o conjunto da intelectualidade: os especialistas e técnicos, cientistas, escritores, professores, jornalistas, médicos, engenheiros, advogados, o amplo conjunto das profissões liberais, etc. Seu número cresce continuamente, no aparelho de produção e no aparelho de Estado. Não constituem, entretanto, uma classe social única e independente. Parte da intelectualidade — homens de ciência, especialistas e técnicos — participa diretamente da produção de bens materiais. Outra parte assimila-se, através da venda de sua força de trabalho, às condições do proletariado. Nos recentes debates sobre a estrutura da classe operária ("Problemas da Paz e do Socialismo", números 5, 6, 9 e 12 de 1960; 4/5, 6 e 9 de 1961), fortaleceu-se a opinião de que a maioria de seus setores

constitui parte integrante do proletariado, enquanto apenas uma pequena minoria serve às classes exploradoras. A estrutura da sociedade burguesa é, assim, particularmente complexa. Os ideólogos burgueses servem-se disso para tentar encobrir os antagonismos sociais, acenar com o avanço para uma sociedade sem classes — mesmo sob o regime capitalista — e, assim, negar a luta de classes e a revolução social. É esta a essência da "teoria da classe média". Definem como classe média um conjunto arbitrário e heterogêneo: pequenos proprietários, funcionários, a intelectualidade, setores da burguesia e parte da classe operária. Utilizam o crescimento do aparelho de Estado e o surgimento de novos ramos instáveis de pequenos proprietários, como apêndice de certas indústrias, para proclamarem que a "classe média" não se desagrega, mas cresce constantemente. E que o proletariado e a burguesia tendem a diluir-se, a deixar-se absorver por ela, num processo indolor e natural.

As classes médias não constituem, porém, o único grupo social que ocupa posição intermediária entre o proletariado e a burguesia. Há ainda toda uma série de camadas e setores que, não sendo possuidores de meios de produção, têm situação semelhante: são os empregados, os funcionários e o conjunto da intelectualidade: os especialistas e técnicos, cientistas, escritores, professores, jornalistas, médicos, engenheiros, advogados, o amplo conjunto das profissões liberais, etc. Seu número cresce continuamente, no aparelho de produção e no aparelho de Estado. Não constituem, entretanto, uma classe social única e independente. Parte da intelectualidade — homens de ciência, especialistas e técnicos — participa diretamente da produção de bens materiais. Outra parte assimila-se, através da venda de sua força de trabalho, às condições do proletariado. Nos recentes debates sobre a estrutura da classe operária ("Problemas da Paz e do Socialismo", números 5, 6, 9 e 12 de 1960; 4/5, 6 e 9 de 1961), fortaleceu-se a opinião de que a maioria de seus setores



O mundo — o mundo feminino em particular — foi sacudido domingo último, às primeiras horas da manhã, pela notícia de que uma mulher voava em torno da Terra. Valentina Vladimirovna Tereshkova, jovem de 26 anos, operária têxtil, comandava — diziam as primeiras informações — o Vostok VI, que partiria ao encontro de um outro aparelho sideral, Vostok V, comandado pelo seu compatriota Valery Bykovsky.

Uma "Gaivota" no Céu, a Liberdade na Terra!

De Moscou, com a euforia que lhe é peculiar, Kruschov anunciava à tripéida astronauta: — Para as mulheres do mundo inteiro, hoje é um dia particularmente solene. Do outro lado "da linha", a resposta singela: — Meu caro Nikita, muito obrigada pelos seus votos e até breve em nosso solo soviético.

Mulheres de todos os países, homens e mulheres de todas as partes do mundo saudaram a façanha. Independentemente de credo político ou religioso, filiação partidária ou condição social. A humanidade inteira rendeu a jovem moscovita as maiores homenagens, saudando-a com os mais carinhosos adjetivos.

Ela abriu para nós as portas do futuro — exclamaram mulheres no mundo inteiro, operárias, intelectuais, técnicas, donas-de-casa e camponesas. "Boa sorte 'Gaivota' — desejaram os povos das Américas, da África, da Ásia e da Europa.

Todos te chamam "Gaivota". Permite-me chamar-te simplesmente, paternalmente, orgulhosamente, de Valia, minha cara Valentina. Até à vista, êxito e boa saúde — completava Nikita Kruschov sua primeira mensagem à cosmonauta.

LIBERDADE!

Do lado do aspecto técnico e científico do feito, o voo de Valentina representa, para grande número de mulheres, um salto em busca da liberdade: a mais séria tentativa pela conquista da igualdade que desde muito perseguem.

O ângulo científico que se passou para um segundo plano, no conceito das mulheres, tão empolgadas ficaram com a significação para elas da aventura sensacional. Privadas de direitos elementares, tratadas como seres inferiores, relegadas à condição de simples serviais ou instrumentos de prazer, as mulheres desafiaram a uma só voz o sofrimento acumulado no curso de milênios.

"Gaivota", tu nos libertaste. Provaste que a mulher pode fazer tudo que o homem faz. Mostraste que a ciência e a técnica estão também ao nosso alcance. Indicaste o caminho do futuro para milhões de irmãs que não conhecem e que não te conhecem, mas cujos problemas e angústias tu compreendes e desajas liquidar. Quando tu te libertaste da influência física da Terra nós começamos a nos libertar das influências e situações que nos humilham há tanto tempo! Obrigada, irmã. Saúde, êxito e até à vista!

Os círculos reacionários foram tomados de incontrolável indignação ante o audacioso feito da jovem Valentina.

Por que tanto ódio à mulher que se pode dizer



que o mundo inteiro admira, e cujo nome a humanidade inteira repete com orgulho e gratidão? É que Valentina, a sua "Gaivota" sideral, arrebatou contra odiosos e seculares tabus, e os jogou abaixo. A partir de domingo, dia 16 de junho de 1963, a mulher adquiriu uma nova dimensão, ganhou sua verdadeira posição na sociedade, em igualdade com o homem.

A mulher libertou-se com o voo de Valentina!

RESISTE BEM

Ainda são bastante escassas as notícias sobre o passeio sideral da jovem telexela, que é também aluna de uma escola de tecnologia superior. Os comunicados divulgados pelos cientistas soviéticos, com a costumeira sobriedade, limitam-se às informações sobre as condições em que o voo se realiza e os objetivos da experiência.

Limitam-se? Será que se pode dizer

"limitam-se" quando os boletins anunciam que o voo de Valentina tem como objetivo prosseguir nos estudos da influência de diversos fatores do voo cósmico sobre o organismo humano?"

E mais: "Realizar-se-á a análise comparativa da influência desses fatores sobre os organismos masculino e feminino. Serão efetuadas também diversas investigações sobre as condições biológicas. Atenção especial será emprestada ao aperfeiçoamento das nave cosmoespaciais em condições de voo em grupo.

Segundo os primeiros dados, o período de revolução do Vostok VI é de 88,3 minutos... Aprovei de 233 quilômetros... a cosmonauta Valentina Tereshkova suportou satisfatoriamente a entrada da cosmonave em órbita e a passagem ao estado de impenetrabilidade.

Valentina passa bem: dorme, come, faz ginástica, estuda como se estivesse em casa!

... e canta. Cantou de manhã e de tarde" — informou para a Terra, na segunda-feira, seu colega alado Valery Bykovsky.

PPS pode proporcionar-lhe

- o prazer de um brinde em cada assinatura
o certeza de recebê-la em sua residência

Assinatura anual: 1.000,00 e semestral: 600,00. Informações: Rua da Assembléia 34, salas 204 e 304, Rio, Estado da Guanabara, Vellores e correspondência em nome de H. Cordeiro.

QUEM É VALENTINA?

Valentina nasceu na região do Yaroslavl, onde seu pai, que morreu combatendo os nazistas, era tratorista. Inglesou na Juventude Comunista em 1958 e desde 1962 é membro do Partido Comunista. Faz três anos apenas. Valentina era uma anônima operária de uma fábrica de tecidos, onde trabalhavam também sua mãe e uma irmã. A noite estudava supervisão industrial e nas horas de folga se dedicava à ginástica e ao paraquedismo, do que se tornou instrutora, após 136 saltos.

Simpática, atleática e comunicativa, apresentase mais à vontade em traques esportivos ou no seu uniforme de pára-quedista. Veste-se discretamente. Quanto a jóias e acessórios apenas os usa em circunstâncias especiais, o mesmo ocorrendo com o batom.

Concluindo o curso secundário a jovem Valentina frequentou durante sete anos os cursos técnicos de uma escola noturna. Em função do seu preparo físico, amor ao trabalho e dedicação ao Partido, foi selecionada para ser cosmonauta, cujo treinamento iniciou em 1962, sendo comissionada com a patente de segundo-tenente.

Valentina é solteira. Quem é seu namorado ou noivo? Para os jornalistas do ocidente, Valentina estaria noiva do seu colega Adrian Nikoláiev (o cosmonauta número 3), mas um artigo publicado pelo jornal da Juventude Comunista faz referência a uma carta de amor, endereçada "ao homem que mais quero" — jovem contrariante de Valentina e ainda hoje residente em Yaroslavl.

Valentina não é apenas a primeira mulher a voar pelo espaço sideral. É também a mais jovem dos astronautas. Quanto ao tipo físico, Valentina é apresentada como morena, de olhos escuros, traços delicados e caracteristicamente russos.

UM «GAVIAO»

Um rapaz moscovita de 29 anos já se encontrava no espaço há 48 horas quando Valentina foi lançada. Seu nome é Valery Bikovsky e a esta altura tem a seu crédito o recorde absoluto de permanência no cosmos, pilotando uma nave espacial. Bykovsky nasceu em Pavlov-Posad e em 1952 ingressou na Juventude Comunista, após ter completado o curso secundário. Nesse ano ingressou no Exército Vermelho, ao mesmo tempo em que fazia um curso de pilotagem no aeroclube de Moscou.

Concluindo o curso da Academia de Aviação Militar, foi designado, em 1955, para uma esquadilha de caças a jato, onde foi notado como "piloto corajoso e sereno".

É titular da Ordem da Estrela Vermelha, condecoração raramente concedida em tempo de paz. Grande esportista, foi instrutor de pára-quedismo. Recentemente matriculou-se na Academia de Engenharia Aeronáutica, onde também estudam seus companheiros Gagárin, Titov, Nicoláiev e Ponomitchev.

Valery Bikovsky é casado e pai de um menino de três meses. Sua mulher, Valentina, de 25 anos, também de Moscou, é técnica da indústria química.

Ao ser lançado no espaço Valery recebeu o apelido de "Gavião", senha com que se identifica nos seus contatos com a Terra e com a sua colega Valentina, que voa ao seu lado, a apenas com cinco quilômetros a separar as naves.

O mundo ainda festejava o lançamento de Bikovsky, cuja tranquilidade e eficiência foram, desde os primeiros momentos, admiradas pelos soviéticos, através da televisão, quando as emissoras de todos os países anunciaram que uma mulher lhe fazia companhia no espaço. A partir de então um interessante diálogo começou a chegar aos receptores soviéticos e de alguns outros países.

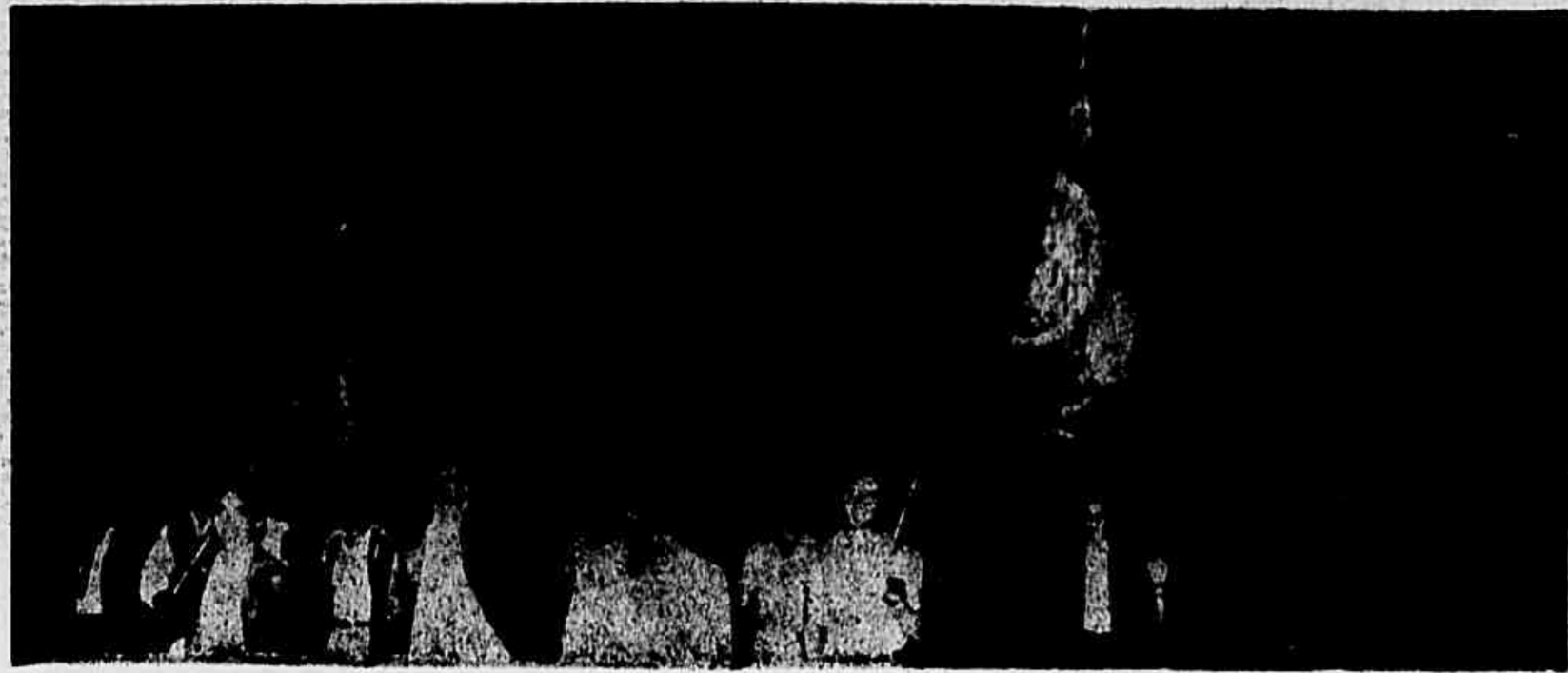
"Gaivota", chama "Gavião" — dizia uma voz firme e enérgica. "Fala 'Gavião', 'Gaivota' escuta" — respondia em timbre suave e confortador a voz não menos segura da jovem Valentina.

Mais uma vez, a ciência soviética arrebatou o mundo: dois novos cosmonautas — um dos quais, desta vez uma mulher — realizam um voo simultâneo no espaço sideral. As características da extraordinária proeza são, como das véses anteriores, a seriedade científica, a sobriedade e a segurança das operações, a certeza antecipada do êxito, o grau avançado das pesquisas, a finalidade de servir à causa do progresso e da paz sobre a Terra.

Todavia, a circunstância de estar voando no cosmo, pela primeira vez, uma mulher, atribui ao atual feito da astronautica soviética uma significação particular. O objetivo de natureza científica que se pretende atingir — a determinação de reações possíveis diversas entre pessoas dos dois sexos fora da atmosfera terrestre — cede o lugar, na imaginação de milhões de pessoas, à idéia de um símbolo. Valentina Tereshkova é a representação de um estágio novo e superior atingido pela humanidade. Quando em uma boa parte do mundo «civilizado» a mulher é ainda considerada, até oficialmente, um ser inferior, destinada a servir submissamente ao homem em todos os sentidos, sem o direito sequer de preocupar-se pelo seu destino, às vezes sendo mesmo obrigada a esconder as faces sob véus; quando, em outras áreas do globo, consideradas mais «civilizadas», a mulher ou se reduz à condição de «dona-de-casa» ou é vilmente explorada nas fábricas, recebendo salários legalmente inferiores aos do homem; ou quando, no país tido como o modelo acabado da «civilização ocidental», um grande número de mulheres é vítima da mais estúpida discriminação pelo «crime» de ter escuro a cor da pele — quando, enfim, essa superada e desumana «civilização ocidental» submete a mulher, de uma forma ou de outra, a todo tipo de alienações, o primeiro país socialista do mundo manda aos céus, onde fulgura como uma estrela autêntica, uma cosmonauta.

Valentina Tereshkova, a filha de um tratorista que morreu na guerra contra o fascismo, a trabalhadora de uma fábrica têxtil de Iaroslavl, convertida hoje em astronauta, concededora dos segredos antes impenetráveis do espaço, passageira triunfante do céu, simboliza, em sua simplicidade de mulher soviética e em sua elevada consciência de comunista, a transição da humanidade do atraso e do obscurantismo para uma nova e luminosa era: a era em que o homem e a mulher, derrubada a barreira dos preconceitos forjados por uma sociedade injusta e cruel, realizam o milagre do domínio sobre a natureza, colocando-a a seu serviço, a serviço da fartura de bens materiais e do limitado avanço espiritual do ser humano.

Valentina Tereshkova, riscando o céu ao lado de Valeri Bikovsky, é a encarnação do triunfo da humanidade — as idéias do socialismo e do comunismo.



Nôvo capítulo na luta pela terra no E. do Rio

Camponeses Derrotam Ordens de Despejo Encomendadas Por Grileiros

Nas últimas semanas os lavradores fluminenses tiveram de enfrentar duas decisões judiciais que, amparando diversos grileiros, determinavam o despejo de centenas de camponeses.

Em Mage, o juiz, que há algum tempo asilava-se no quartel do 2.º Regimento de Infantaria quando os lavradores foram pedir-lhe a desapropriação das terras griladas pela América Fabril, deu ordem de despejo de dezenas de famílias que trabalhavam nas terras griladas que constituíam a "fazenda" do sr. Celso Goulart. Para executar a decisão do magistrado foram mobilizados cem policiais fortemente armados.

EM DUQUE DE CAXIAS

Há vários meses, liderados pelo camponês Joaquim Antônio, os lavradores de Caxias ocuparam uma parte das terras não cultivadas que circundam a Fábrica Nacional de Motores. A direção da fábrica obteve depois, do juiz da comarca, uma ordem de despejo contra os lavradores. Sessenta soldados da polícia fluminense, tendo à frente o próprio juiz, iam comear a expulsão, em dias da penúltima semana, quando chegaram ao local o deputado Adão Pereira Nunes, o líder camponês José Puzos e uma comissão de operários da FNM e da Petrópolis. Iniciaram-se os entalimentos; os suspensões de despejo ou as duas empresas entraram em greve de solidariedade aos camponeses. Não houve despejo e tanto os soldados quanto o juiz voltaram sem que houvesse nenhum incidente.

Os soldados acamparam na área reclamada por Goulart e os lavradores recuaram durante alguns dias, indo viver em casas de amigos e parentes, na própria sede do Sindicato dos Lavradores e até mesmo nas ruas do povoado de Piabetá.

Mais tarde, enquanto os policiais guardavam uma parte do

latifúndio do qual irregularmente se apropriara o sr. Celso Goulart, os lavradores despejados ocuparam as terras do outro extremo e as do general Carvalho, outro grileiro da região.

SOLIDARIEDADE

Em face das decisões arbitrárias dos dois juizes ordenando o despejo de lavradores que trabalhavam em terras griladas ao governo por latifundiários especuladores e parasitas, foi organizado, em todo o Estado do Rio, amplo movimento de solidariedade aos camponeses ameaçados. Os sindicatos de operários realizaram na sexta-feira, dia 14 do corrente, uma série de comícios nas principais cidades fluminenses. Em Campos, Mr., Barra do Pirai e Niterói, as manifestações reuniram, ao todo, mais de duas dezenas de milhares de pessoas.

COMÍCIO EM NITERÓI

O comício de Niterói contou com a participação de mais de três mil manifestantes, apesar da proibição injustificável tentada pela Secretaria de Segurança. Foi realizado na praça em frente à estação das barcas e entre os oradores falaram os deputados Marco Antônio e Adão Pereira Nunes.

O jornalista Paulo Valente, um dos primeiros a falar, fez

longa exposição da articulação dos latifundiários contra o movimento camponês, denunciando a existência de verdadeiros arsenais para desencadear a repressão armada à luta dos lavradores pela terra.

O deputado Marco Antônio disse da necessidade de uma reforma agrária "radical e imediata" e sustentou que "esse dispositivo constitucional que a impede foi introduzido na Carta de 1946 pelos latifundiários". "Contra ele — prosseguiu o parlamentar — levantaram-se as forças populares desde aquela época. E se até hoje não houve esforços para libertar o homem do campo terá de enfrentar a paralisação dos trabalhadores".

Encerrando a manifestação o deputado Adão Pereira Nunes levou ao povo de Niterói uma saudação do líder José Puzos, agradecendo, em nome dos camponeses, o apoio dado à luta pela posse dos cinco mil alqueires entregues aos lavradores nas matas do Imbé.

IMBÉ EM FESTA

Na terras da Usina Copin, em Campos, foram desapropriadas pelo governo federal que integrou os camponeses do Imbé na posse de cinco mil alqueires de terras. A luta pela posse daquela área foi das mais árduas sustentadas pelos camponeses do interior fluminense, mas terminou

com esta expressiva vitória que se comemorou com um grande churrasco no acampamento

LATIFÚNDIO ARMA ASSASSINOS NA BAHIA PARA SUFOCAR A LUTA PELA REFORMA AGRÁRIA

Salvador (Do correspondente)

Há um clima de inquietude e desespero entre os latifundiários do Estado diante da atividade organizada dos camponeses na luta por melhores condições de vida e pela posse da terra monopolizada pelos grandes fazendeiros. Estes, via de regra residentes no assalto, pensam suicidar o movimento dos lavradores com o emprego da violência, utilizando para isso não apenas a polícia mas também facínoras e assassinos de aluguel.

No município de Passagem Teixeira o latifundiário Alberto Melo Bastos, tesoureiro da Mesa de Rendas do Estado, contratou o bandido conhecido pela alcunha de Alferes para eliminar líderes camponeses da região. O delinqüente, um profissional do crime, vinha se especializando ultimamente como auxiliar da repressão às ações reivindicatórias de trabalhadores, como ocorreu por ocasião da construção da fábrica de cimento Aratu, quando portando um verdadeiro arsenal e "assistido" por capangas, feriu a boca cerca de trinta operários.

A SOLIDARIEDADE A CAMINHO

Em passeatas, como a do foto, que partiram de vários bairros e fábricas da capital fluminense para a praça Martin Afonso, os trabalhadores e o povo de Niterói dirigiram-se ao comício de solidariedade aos camponeses do Estado, ameaçados de despejo das terras que de direito já lhes pertencem, por decisões judiciais inspiradas nos interesses de grileiros.

PELA REFORMA AGRÁRIA RADICAL

do leitor C.O. Neto, da capital paulista, o artigo, sobre a reforma agrária, transcrito abaixo na íntegra: "Não há dúvida que para se chegar à reforma agrária, na atual conjuntura brasileira, tem-se que enfrentar problemas: políticos, ideológicos, teóricos, econômicos e práticos. E, nenhum deles, pode ser posto de lado, sem prejuízo para a luta que se trava. A própria organização das massas camponesas, em bases convenientes, será prejudicada se não for demonstrada, de maneira a mais completa, a necessidade que tem o Brasil da reforma agrária. Do ponto de vista político é necessário esclarecer que a batalha se trava entre duas forças inconciliáveis — a conservadora-reacionária, detentora de privilégios que datam de séculos, e a força nova, — a do progresso, que quer acabar com os privilégios dos potentados e dar melhores condições de vida ao povo da cidade e do campo.

A estrutura agrária do país é um obstáculo histórico ao progresso e bem-estar do povo. Não pode haver progresso com a quase totalidade das terras cultiváveis e cultivadas em mãos de pessoas que fazem delas o uso que bem entendem, em detrimento dos interesses do País e de seu povo. Para lutar contra a reforma agrária as forças retrógradas lançam mão e esgrimem as suas razões: de direitos jurídicos e até divino. Mas esses argumentos não podem ter qualquer validade quando a reforma agrária é hoje, de fato, uma necessidade histórica.

Quando os usineiros fazem publicidade nos jornais acerca de um suposto "lado amargo do açúcar", querendo se apresentar como vítimas, na verdade estão usando de mais um ardil para ludibriar o povo. Sem quereremos nos referir para quem de fato existe um lado amargo do açúcar, dizemos, no entanto, que, além do ardil para assaltar a bolsa do povo, eles procuram acobertar os seus parcelos latifundiários que usufruem fortunas fabulosas transformando as terras férteis, de terras férteis, em pastagem natural para gado. Com isto deixam os camponeses entregues à sua própria sorte porque o trabalho escasseia, e privam o país da produção de gêneros alimentícios.

Os latifundiários e seus testas-de-ferro são contrários a uma reforma agrária, mesmo ténue, como a que apresenta o projeto do governo, mas não titubelam em adotar as mais desencontradas e desastrosas providências, contando que os beneficiem. São eles, incontestavelmente, os leões que levam, não apenas a maior parte, mas tudo, em detrimento do povo e da nação. São beneficiados pelos poderes públicos em questões como a do crédito, que sai para eles e não para quem deveria sair. Recebem dinheiro do governo e aplicam-no na especulação imobiliária e de toda ordem. Enquanto isto, milhões de seres, nossos irmãos, trabalham a terra, como arrendatários, meeiros, parcelos, alugados e até mesmo agregados-cama-de-vara, tirando para si um sustento miserável que os leva a morrer, prematuramente, sem passar pela vida. Razão por que existe uma similitude entre a escravidão e o latifúndio em nossos dias.

Os inúmeros projetos de reforma agrária existentes na Câmara dos Deputados bem como, em geral, e em particular, vários desses projetos produzem a ansia de muitas pela solução de um problema que interessa a todos — os homens da cidade e do campo. Não há maior aberração histórica, econômica e social no Brasil do que o fato de sermos um país tão rico em terras férteis, em clima bom e em tudo o mais do que a natureza nos dotou, e termos um povo praticamente faminto.

Por isso mesmo nenhum projeto de reforma agrária merece esse nome se não enquadrar, para que fique em consonância com os interesses nacionais, as grandes propriedades de cultivo extensivo. Não é possível uma reforma agrária positiva no Brasil, omitindo-se, por quaisquer razões, as fazendas de café, as plantações de cana-de-açúcar, cacau e de grande criação de gado. Os grandes fazendeiros têm sido, através dos tempos, os donos do Brasil, os que impõem sua vontade e sua política sem se incomodarem com o destino do povo e o futuro da nação. Sempre tirando tudo do país e dando em troca somente sofrimento para o povo. A identidade deles com o imperialismo que nos espolia é, nisto, perfeitamente completa. Eles vivem de mãos dadas e defendem seus interesses antinacionais por uma questão de coerência histórica, econômica, política, social e ideológica.

O povo brasileiro não pode, de forma alguma, permitir que a reforma agrária continue protelada porque as forças retrógradas querem o pagamento das terras desapropriadas em dinheiro vivo. A concessão que se lhes faz do pagamento em títulos da dívida pública, já é uma bênção dos céus para quem, como eles, se constituem nos elementos principais do empobrecimento do povo e do desgaste da nação. A exigência do povo é, pois, de uma reforma agrária radical que liquide de uma vez por todas com o latifúndio, sanguessuga da nação, e que liberte as massas camponesas do cativeiro econômico, político e social em que vivem.

O projeto do governo deve ser modificado para melhor a fim de que possa responder aos anseios de progresso e independência do Brasil e não a um engodo de reforma agrária.

AINDA PELA REFORMA AGRÁRIA RADICAL

A abolição do monopólio da terra é também o tema das considerações da leitora Dulce Rodrigues Pereira, da Guanabara. Diz ela: "A reforma agrária é uma necessidade para a vida brasileira, para garantir ao povo os gêneros alimentícios indispensáveis. O arroz e outros gêneros alimentícios estão custando os olhos da cara, por falta dos produtos e também devido a ganância dos que com eles comerciam. Na pecuária, o preço do gado em que está uma fortuna, elevado artificialmente pelos estrangeiros da Armador, da Swift e outros. O gado da carne anda a trezentos e cinquenta cruzeiros e os trabalhadores não podem comprá-lo. Se o governo não tomar medidas imediatas, pressionando o Congresso para votar a emenda constitucional que possibilitará a reforma agrária, ninguém mais deterá a revolta popular".

DE "MANGADA" À ILHA

Jorge Fischer e Menalton Braff, de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, compuseram a marchinha "De mangada à ilha", que tem a seguinte letra:

— E então, doutor João?
Não há mais desculpa:
Você é quem manda
Na nossa Nação.
Caino o gabinete.
Você nos passou um bom sabonete:
"Após o plebiscito
Virão as reformas".
Foi dito e redito.
De fato, estão vindo transpondo obstáculos,
Passando por cima de Johns e de Jões, com o intuito de tentáculos
Arrastando canhões.
Elas vêm vindo apesar de você.
Você, doutor João.
E um homem gozado.
Se fosse soldado
Seria o pior dos soldados:
— Direita volver!
Receta a direita.
— Esquerda volver!
Tem medo da esquerda.
Soldado parado
Não topa parada.
Consulta e esprieta
E acaba marchando voltando à direita...
Aprenda as lições
Das indecisões
Com mestre Frondiz.
Será que não há
Alguém que lhe avise
Que, nessa cartilha,
Todas as lições
Terminam em ilha?

«VERÃO EM MOSCOU»

Os promotores do concurso "Verão em Moscou" pedem-nos comunicar que o bilhete premiado foi o de número 6.800, correspondente à extração da Loteria Federal de sábado, dia 15 de junho de 1963.

II CONFERÊNCIA DOS TRABALHADORES AGRÍCOLAS DE SP: 6, 7 E 8 DE SETEMBRO

São Paulo (Da sucursal)

A Federação das Associações e Trabalhadores Agrícolas do Estado de São Paulo está convocando, através do manifesto abelha, o Exodo Rural e as Fazendas para a II Conferência Estadual dos Trabalhadores Agrícolas, a realizar-se nos dias 6, 7 e 8 de setembro: TRABALHADORES AGRÍCOLAS! diaristas, mensalistas, tarefeiros, colonos de café, PEQUENOS PROPRIETÁRIOS! arrendatários, meeiros, parcelos, pequenos sítiantes. Depois da realização da I Conferência Estadual dos Trabalhadores Agrícolas e do Congresso Camponês de Belo Horizonte, os trabalhadores agrícolas de nosso Estado reforçaram sua unidade e organização, promovendo muitas greves em usinas e fazendas de café, de algodão, de cereais e na lavoura de banana etc., conquistando algumas importantes vitórias. Entre elas o salário mínimo e outros direitos trabalhistas. Pela primeira vez conseguiu-se realizar mesa-redonda e concluir acordos e contratos coletivos de trabalho na Justiça.

Nossas lutas contribuíram para a conquista e aprovação do Estatuto do Trabalhador Rural e do Enquadramento Sindical para os trabalhadores do campo, que vem possibilitando a criação de dezenas de sindicatos rurais.

Ao lado destas vitórias que devem servir de estímulo para continuar a luta, é necessário reconhecermos que ainda resta muito a conquistar. A REFORMA AGRÁRIA continua no papel, enquanto em São Paulo 5% dos proprietários possuem mais da metade da terra do Estado e 75% daqueles que vivem e trabalham na roça não têm um palmo de terra.

Os preços dos arrendamentos, dos inseticidas e dos adubos sobem constantemente. Os patrões, em sua esmagadora maioria, não pagam o salário mínimo, nem cumprem o Estatuto do Trabalhador Rural, já transformado em lei.

Os trabalhadores em geral na agricultura continuam sem a mínima assistência médica e hospitalar e sem amparo dos poderes públicos, jogados na maior miséria.

Os latifundiários despejam e jogam na rua milhares e milhares de arrendatários e parceiros transformando as terras em pastagens, diminuindo a produção de gêneros alimentícios e aumentando a carestia, o êxodo rural e as favelas nas cidades.

Diante desta situação, aos trabalhadores do campo só resta o caminho da luta pelo reforçamento da sua organização e unidade, pelo estreitamento da aliança com seus irmãos operários e demais forças democráticas e progressistas, para vencer a resistência dos latifundiários. Por isso, os abaixo assinados, representantes das diferentes categorias de trabalhadores da cidade e do campo, convocam para os dias 6, 7 e 8 de setembro de 1963, a II Conferência Estadual dos Trabalhadores Agrícolas, na capital de São Paulo para debater, entre outras, as seguintes questões:

1 — Balanço das lutas e das conquistas dos trabalhadores agrícolas entre a primeira e a segunda conferências;

2 — A luta pela reforma da Constituição Federal no seu parágrafo 16 do artigo 141 e pela conquista de uma Lei de Reforma Agrária, conforme estabelecido no I Congresso dos Camponeses, em Belo Horizonte, e a defesa dos interesses imediatos dos pequenos produtores;

3 — Luta pela aplicação integral do salário mínimo e dos direitos trabalhistas e da Previdência Social (ETR) a todos os trabalhadores rurais;

4 — Campanha pela Sindicalização Rural e pelo reforçamento da unidade dos trabalhadores da cidade e do campo.

Conclamamos, pois, todos os trabalhadores da roça, para que se reúnam nos seus locais de trabalho, nos Sindicatos, Associações, usinas, fazendas, para debater seus problemas e eleger os seus legítimos representantes a esta Conferência.

Fazemos um apelo aos Sindicatos Operários, às organizações populares e estudantes, aos vereadores, prefeitos, comerciantes e industriais e a todas as pessoas democráticas e progressistas a apoiarem a luta pela REFORMA AGRÁRIA e melhores condições de vida para todos os trabalhadores do campo.

VIVA A REFORMA AGRÁRIA!

VIVA A SINDICALIZAÇÃO RURAL!
VIVA A UNIÃO DOS TRABALHADORES DO CAMPO E DA CIDADE!
TUDO PELA APLICAÇÃO DO SALÁRIO MÍNIMO NO CAMPO!
VIVA A II CONFERÊNCIA ESTADUAL DOS TRABALHADORES AGRÍCOLAS!

São Paulo, maio de 1963.
José Alves Portela — Pres. da Fed. das Associações e Trab. Agríc. do Estado de São Paulo (FATAESP).

Lyndolpho Silva — Pres. da União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil (ULTAB).

Luiz Tenório de Lima — Pres. da Fed. dos Trab. nas Ind. de Alimentação do Estado de São Paulo.

Pedro Gilarde Filho — Pres. da Fed. dos Trab. na Ind. Extrativa do Est. de S. Paulo.

Rubens Vasconcelos — Pres. da Fed. dos Bancários do Est. de São Paulo.

Antônio R. do Valle — Diretor da Fed. dos Trab. nas Ind. Químicas e Farmacêuticas do Est. de São Paulo.

Antônio Chamorro — Diretor da Fed. dos Trab. na Ind. de Fiação e Tecelagem do Est. de São Paulo.

José Magalhães — Pres. do Sind. dos Trab. na Lavoura de Tapiratiú.

José Batista — Pres. dos Trab. na Lavoura de Bragança Paulista.

Boaventura Ferreira de Cristo — Pres. do Sind. dos Trab. na Lavoura de Pirajui.

João Bitafa — Pres. da Assoc. dos Trab. na Lavoura de Araraúba.

Francisco Neves — Presidente do Sind. dos Trab. da Lavoura de Araraúba; Sebastião Lopes — Presidente do Sind. dos Trab. Agrícolas de Ribeirão Preto; Alexandre Lopes da Cruz — Presidente do Sind. dos Trab. Agrícolas de Miguelópolis; João Peixoto Rodrigues — Presidente da Assoc. dos Trab. Agrícolas de Itaverava; Olimpio Pereira Machado — Diretor do Sind. dos Produtores Autônomos de Santa Fé do Sul; José Rodrigues Silva — Presidente do Sind. dos Produtores Autônomos de Andradina. Assinam ainda a presente dezenas de dirigentes de sindicatos operários e camponeses do Estado.

Lavradores da Alta Paulista Querem as Reformas Agora

São Paulo (Da sucursal)

Presidentes de treze sindicatos e Associações Rurais do Estado de São Paulo (Alta Paulista), assinaram o seguinte manifesto, clamando o povo à luta pelas Reformas de Base:

"Representando milhares de Trabalhadores na Lavoura da Alta Paulista, decidimos tomar posição face aos acontecimentos que se desenrolam no País São conhecidos de todos, os esforços que fazem os inimigos do povo para impedir o progresso social e econômico do Brasil. Os latifundiários, os grandes fazendeiros, aliados aos portavozes do imperialismo norte-americano, desencadeiam campanha contra as Reformas de Base, tão reclamadas pela nação brasileira, principalmente a Reforma Agrária, que para ser verdadeira, necessário se torna modificar o parágrafo 16 do artigo 141 da Constituição Federal. Ainda, como parte da campanha desencadeiam ameaças, perseguem, efetuam prisões de dezenas de sargentos e suboficiais, pelo único motivo de se manifestarem pelas Reformas de Base. Isto é sério. Hoje são os militares patriotas, amanhã serão os civis, os dirigentes sindicais e todos aqueles que lutam por um Brasil melhor, onde não exista a fome, a exploração, a miséria, a injustiça, o analfabetismo e outros males que tanto infelicitem o nosso povo. Outrossim, conclamamos a todos, indistintamente, para que organizem Comitês de Mobilização Popular, nas fábricas, fazendas, vilas, bairros, escolas, em todas as partes e se manifestem, por todas as formas, pela modificação da Constituição, pelas Reformas de Base por uma Reforma Agrária Verdadeira, que ponha fim à exploração que existe no arrendamento das terras, à meia, à parceria, que dá garantias de preços aos produtos da lavoura, completa assistência ao homem do campo; que seja com que os dire-

tos dos assalariados agrícolas, como o salário-mínimo, as férias e descanso semanal remunerado e outros, sejam respeitados pelos patrões; pelo Respeito às liberdades democráticas; pela libertação dos militares; pela união dos camponeses, operários, militares patriotas, estudantes, donas-de-casa, de todos os interessados em modificar a situação que ora atravessamos.

POR UM BRASIL ONDE AS TERRAS PERTENÇAM A TODOS E NÃO A MEIA DUZIA DE LATIFUNDIÁRIOS!

A LUTA, TODOS POR UMA REFORMA AGRÁRIA VERDADEIRA!

a) Jovino de Souza, Presidente da Associação dos Trabalhadores Rurais de Garça; Orlando Vicente Corrêa, Presidente da Associação dos Trabalhadores na Lavoura de Adamantina; Elísio Carlos da Silva, Presidente da União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas Jaciporã-Draçena; Paulo Santiago de Moraes, Presidente do Sindicato dos Produtores Autônomos de Adamantina; João Evangelista Santana, Presidente da Associação dos Lavradores e Trabalhadores Rurais de Ouro Verde; Alfredo Pereira da Silva, Presidente do Sindicato dos Produtores Autônomos de Tupã; Luiz de Rossi, Presidente do Sindicato dos Produtores Autônomos de Pompéia; Benedito Domingos da Cunha, Presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas lavouras de Pompéia; Dazio Ferreira Lessa, Presidente da Associação dos Trabalhadores Rurais da Comarca de Pompéia; Ordem A. Moura, presidente da Associação dos Trabalhadores Rurais de Marília; Plácido Lorentino da Silva, Presidente da Associação dos Trabalhadores Rurais da Comarca de Adamantina; Patrício Galliano Fernandes, Presidente da União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Florida Paulista; Alzirio Ferreira da Silva, Presidente da Associação dos Trabalhadores Rurais de Vera Cruz.

Estudantes de Todo o Mundo Têm Encontro na Bahia: Seminário Dos Subdesenvolvidos

CANHO DE PAGINA — encido

Sob o patrocínio da União Nacional dos Estudantes e União Estadual da Bahia, realizou-se a 14 de julho próximo, o Seminário dos Estudantes do Mundo Subdesenvolvido. Importantes assuntos de interesse comum dos universitários da ASIA, AFRICA e AMÉRICA LATINA serão debatidos durante uma semana por mais de 300 delegados oriundos dos mais distantes pontos do globo e dos Estados brasileiros.

ORGANIZAÇÕES PERMANENTES

A UNE enviou convite para participação no Seminário a mais de 80 entidades nacionais e internacionais estudantis. Já responderam afirmativamente as seguintes países: Chile, Bolívia, Paraguai, Uruguai, Argentina, Cuba, Peru, Guianas, Equador, Guadalupe, China, África do Sul, Índia, República Dominicana, Camerão, Panamá, Martinica, Ghana, Líbano, Honduras, Nova Zelândia, Austrália, a URSS, e a União Internacional de Es-

tudantes com sede em França, a COBEC, com sede na Holanda, e Federação Mundial da Juventude Democrática, com sede em Budapeste. Pelo Regimento Interno já em elaboração é prevista a participação de organizações estudantis de países não subdesenvolvidos, porém na qualidade de simples observadoras. Isto é, com direito apenas a palavra. Os países subdesenvolvidos serão considerados delegados com plenos direitos tendo portanto direito a voz e voto.

ORDEN-DO-DIA

Para o Seminário foi preparado um tópico que abarca todas aquelas questões que neste momento prendem a atenção dos estudantes da Ásia, África e América Latina e que estão distribuídos pelos seguintes temas essenciais:

- 1.º — Os Estudantes e a Luta de Emancipação Nacional.
- 2.º — Universidade e desenvolvimento.
- 3.º — O mundo subdesenvolvido e a paz.

A União Nacional dos Estudantes do Brasil está elaborando sua opinião sobre essas questões e que será distribuída sob a forma de temas traduzidos em várias línguas. Sabem-se que os universitários brasileiros darão um empenhoso grande apoio à questão da democratização do ensino nos países subdesenvolvidos, à luta contra o analfabetismo, às particularidades de que se reveste a luta pela emancipação nacional em nosso País, e à importância assumida pela luta pela paz em todo o mundo nos dias em que vivamos em virtude do aparecimento de armas termo-nucleares com enorme poder de destruição.

PROGRAMA DOS TRABALHOS

De acordo com o programa em elaboração, o Seminário se desenvolverá dentro do seguinte esquema: dia 7, à tarde, sessão preparatória; à noite sessão solene de abertura, para a qual está convidado o ex-mor. presidente da repúbli-

ca; coquetel de recepção às autoridades e delegados presentes. Os dias 8 a 13 serão dedicados aos trabalhos de plenário e comissões. Dia 14, serão realizadas as sessões plenárias para as comunicações finais, dando-se à noite o encerramento solene, para o qual foi convidado o governador do Estado. Um grande baile será oferecido aos delegados estrangeiros e nacionais pelos promotores do Seminário.

Nos momentos vagos, os delegados aproveitarão para visitar Maracá, e pontos pitorescos e históricos de Salvador.

OUTRAS INICIATIVAS

Muitas outras iniciativas interessantes serão levadas a cabo pela UNE e UEB como parte integrante do Seminário. Além das comissões organizadas pelos estudantes de Recife, Rio e Salvador para receber em território brasileiro os delegados de todas as partes do mundo, serão organizadas no decorrer do conclave: exposição de fotografias, de

diários e revistas e livros editados pelos estudantes, uma edição especial comemorativa da revista Movimento. Serão oferecidos aos delegados café e mate no decorrer da reunião. O DCT imprimirá um sêde comemorativo do acontecimento.

EXPULSOS DAS FILERIAS COMUNISTAS

Com pedido de publicação recebemos a seguinte nota: "Os comunistas do P. R. a. n. tornaram público que os cidadãos Arlindo Xavier e Pedro Chaves não mais pertencem às suas filerias, não podendo, por essa razão, falar em nome delas".

Mataram um homem

Diframos melhor afirmando: estão matando homens. Afinal matar os homens que se levantam contra a chamada "ordem estabelecida" acontece há muito tempo e que não impede que protestemos sempre, sempre estejamos alertas contra esses frios assassínios que ocorrem todos os dias, aqui e em outros países do mundo. Os jornais estão aí, diariamente, contando casos medonhos: homens mortos de pancadas em divisões da polícia, homens assassinados porque lutam pelos seus direitos tanto no campo quanto na cidade. Há sempre comissões de inquérito — para apurar esses crimes — nascendo e desaparecendo; quando se pensa que o crime tal vai ser punido, ele desaparece do cenário, segue o destino daqueles papéis burocráticos que "caem em exercícios fúteis". Os criminosos continuam matando, as vítimas de ontem são substituídas pelas de hoje e assim sucessivamente.

Leio nos jornais o assassinato de David Barbuo, líder camponês da Baixada Fluminense, lutando há longos meses pelos terrenos da Fazenda Paraíso. Num jornal há frases assim: "Momentos antes de ser assassinado deixara a Cooperativa Agrícola que fundara na fazenda Paraíso e

onde também criou uma escola para os lavradores"; "liderava 600 famílias distribuídas em 120 alqueires"; enquanto isso outros jornais (e bem sabemos porque), dão de David Barbuo um retrato de homem mau, acusam-no de várias coisas chegando mesmo, um desses jornais, a publicar o retrato dos filhos de David Barbuo como as vítimas de um pai que "preocupou-se mais em agitar os meios camponeses do Estado do Rio do que com o futuro das suas crianças".

Quanta calhorda. David lutando pelas terras e pelos camponeses estava naturalmente pensando muito mais no futuro dos seus filhos e, não apenas nos seus, mas no de todas as crianças camponesas. Sei bem porque certos jornais e certos jornalistas afirmam certas coisas, mas jamais poderão aceitá-las, nem compreender porque se ultraja pessoas e se tenta denegrir ações, modificando-as para pior quando elas são claramente marcadas pela luta por uma vida melhor.

Estão matando homens aqui e em vários países do mundo. Felicitme hoje, como sempre, do sangue de cada herói outros heróis estão nascendo.

Maestro José Siqueira

Trinta Anos Dignificando a Música Brasileira

Intensa movimentação na Ordem dos Músicos do Brasil. Comemora-se o 30.º aniversário de atividade artística do homem que a criou, e que hoje é seu presidente.

— Quería falar com o maestro José Siqueira... sou repórter de NOVOS RUMOS.

Esperei um pouco. Logo voltaram e me introduziram em uma sala. Sentado à mesa um rosto nordestino. Os olhos sem aro. Ao redor discutiam várias pessoas. Problemas dos compositores. Falavam em direito autoral. Ele desligou o telefone. Demos-nos a conhecer.

— Minha principais realizações? (Passou a mão na cabeça). Nenhum compositor de música erudita vive, neste país, de composição. Para praticá-la ele tem que lançar mão do magistério, da realização de concertos, como regente ou concertista. Foi o que fiz: compozi, sou professor e regente. Você deve saber, a situação do compositor de música erudita, neste país, é grave. As grandes partituras musicais não são impressas. Não são gravadas. Não são filmadas. Em consequência, não são irradiadas. Vivemos uma situação idêntica a que viveram os compositores europeus no século XVII. Só que lá os príncipes e reis pagavam para que Bach, Mozart e tantos outros escrevessem música para seu deleite. Aqui, ninguém paga nem para escrever nem para ouvir. A carreira de compositor no Brasil, só pode ser feita no exterior. Foi o que ocorreu com Carlos Gomes no século passado, e Villa Lobos no século atual.

UMA META

— Que solução vê para isto, maestro?

— A solução deste problema é a mesma em toda a América Latina. A Argentina deu-nos, há algum tempo, um exemplo. Criou o Fundo Nacional de Artes.

Boal no Teatro da BIBSA

Segunda-feira, dia 24, no Teatro Jovem, na praia de Botafogo, o Teatro da BIBSA estará apresentando a partir das 21,30 horas a peça "As famosas asturianas", de Augusto Boal.

que, no que tange à música, é um modelo para solucionar a nossa situação. No Brasil, pretendemos criar o Fundo Nacional da Música, que será responsável pela publicação e divulgação de obras de compositores brasileiros. Nos países socialistas, a solução foi mais simples. Criaram-se Unões de Compositores e estas recebem fortes subvenções dos governos para aplicar nesta tarefa. Além disso, os governos socialistas resolveram aproveitar o direito autoral, caldo em domínio público, entregando-o a União de Compositores para que esta encomende aos respectivos autores obras que serão impressas, gravadas e divulgadas em todo o mundo. Assim, Beethoven, Tchaikovsky, e tantos outros estão contribuindo com os direitos autorais que lhes eram devidos para que os compositores de nossa geração escrevam despreocupados do dia de amanhã.

O CANDOMBLÉ

— Quería saber em quais composições ele se sentia mais realizado.

— Do que já criei até agora destaco o Candomblé, que será apresentado no dia 29 no teatro Municipal do Rio de Janeiro, na Bulgária em outubro, e na URSS em novembro. Para elaborar esta obra tive que viver com "pais de santo" da Bahia, durante um mês. Um dia recebi um cartão: Diário das Virgens — pai de santo com 72 anos de idade — atende a domicilio.

Fui vê-lo: "Gostaria que o senhor cantasse durante duas horas as loas do candomblé. Quanto quer?"

— Dois mil cruzeiros, respondeu-me.

— Está feito, retruquei-lhe. E ele cantou, durante duas horas.

FOLCLORE

— Suas composições se baseiam sempre no folclore?

— Toda minha música: ritmo, harmonia, melodia, e processos de orquestração, baseiam-se no folclore brasileiro. Dessa maneira procuro enviar mensagens ao povo através de uma sua própria essência que é o folclore. Assim é Senzala, bailado descrevendo os momentos de prazer que os negros tinham na senzala. Festa na Roça, Suite

Nordestina, e tantas outras. Pelo fato de usar música folclórica do Nordeste, trazer para o sul a sua mensagem musical, minhas músicas são consideradas manifestações populares demasiado diretas, pelo impacto que impõem ao público. Achamos alguns demasiado folcloristas. Prosegui, no entanto, com esta orientação, e eis aqui no estranheiro com grande sucesso: No Parque Gorki, em Moscou, para 15 mil espectadores, e em Detroit, no Masonic Temple. Também para 15 mil pessoas apresentei a Senzala. No fim, toda aquela multidão batia com as mãos e os pés ao ritmo da música. Em Portugal, no Palácio dos Esportes, a apresentação atraiu 6 mil pessoas. O que prova que o povo é sempre o mesmo.

O PROFESSOR

Pergunto-lhe sobre suas atividades como professor.

— No Brasil, há carência de músicos. O Conservatório de Música não foi criado para a formação de músicos profissionais, mas tendo em vista dar uma prenda a mais para as moças da sociedade. Ensinava-se piano e canto. Nenhuma música brasileira toca fagote, trompa, oboé enquanto isto é comum em outros países. Só depois da revolução de 30 procuramos dar um nível universitário ao ensino de música. A lei que instituiu a Universidade do Brasil, incorporou a ela a Escola Nacional de Música. Era de se esperar que esta medida fizesse limitaria quando da constituição das outras universidades federais. Isso porém não ocorreu. Há, no Brasil, hoje, 32 universidades federais e o ensino da música só é ministrado nas do Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Goiás e Rio de Janeiro. Devido a isto não foram formados músicos da proporção das necessidades nacionais, e eu, já tendo 35 anos de serviço público, teimo em continuar nesta tarefa que julgo importante para o desenvolvimento musical do País. Leciono na cadeira que em outros lugares se chama Estética Musical, e, no Brasil, se chama Harmonia e Morfologia. Presentemente, a congregação da Escola transformou-a em cadeira de composição. Respondo pela preparação dos jovens compositores brasileiros.

O BATALHADOR

— Gostaria, agora, de ouvi-lo falar sobre as atividades que desenvolveu na luta pela organização do movimento musical brasileiro.

— Luto pela classe musical brasileira desde 1933, quando me formei. Procurando servir à coletividade dos músicos, participei, ao lado de muitos outros combatentes, da luta pela concretização das seguintes conquistas:

— Criação da Orquestra Sinfônica Brasileira; formação da Sociedade de Artistas Nacionais, por intermédio da qual vieram ao Brasil os maiores celebridades musicais de todos os países; fundação da Orquestra Sinfônica do Rio de Janeiro, que trouxe da Europa, principalmente dos campos de concentração alemães, grandes músicos que hoje nos prestam relevantes serviços; criação da União dos Músicos do Brasil, que deu nova vibração ao movimento musical brasileiro, e vem realizando concertos em escolas e para o povo em geral; criação do Clube do Disco — única organização do País que grava somente música erudita brasileira sem nenhum interesse lucrativo; Instituição da Ordem dos Músicos do Brasil, ponto culminante de nossa atividade, idealizada em 1939 quando éramos presidente da Comissão dos 9 do Sindicato dos Músicos do Rio de Janeiro, e só realizada em 1960, e pelo fato de congregar compulsoriamente todos os músicos do Brasil, tornou-se a maior organização musical de todos os tempos entre nós e está fadada a encaminhar os problemas sociais e econômicos dos músicos profissionais.

Finalmente, foi por nossa iniciativa que o presidente J. K. criou por decreto a Orquestra Sinfônica Nacional da Rádio Ministério da Educação e Cultura. Enquanto estávamos conversando, várias pessoas haviam entrado e saído, pedindo providências para isto e para aquilo. Um grupo enorme dos que com ele haviam colaborado, que estavam naquela luta, e que como ele lutam para elevar o nível musical de nosso povo, todos atarefados para prestar-lhe a homenagem dos seus 30 anos de dedicação à vida musical brasileira.

Diretor do Lóide Cria Instituto de Ensino Técnico da Empresa

A direção do Lóide Brasileiro acaba de criar o Instituto de Ensino Técnico da empresa, destinado a preparar pessoal especializado e a ampliar o quadro dos seus atuais funcionários qualificados. A portaria criando o novo órgão foi assinada pelo diretor, sr. Moacir Monteiro Neto, e diz que «o Poder Público e, consequentemente, a direção descentralizada — a autarquia — têm o dever de incrementar a formação de nova mentalidade ligada ao comércio marítimo, dando ao nosso País técnicos que possam ombrear com os das mais adiantadas civilizações».

MINISTÉRIO FISCALIZARÁ

Na mesma portaria que criou o Instituto de Ensino Técnico, o sr. Moacir Monteiro Neto dispõe sobre problemas correlatos, como por exemplo, a determinação ao Serviço de Assistência Social da empresa, para, através da Divisão de Ensino, Orientação Profissional e Recreação, «proceder aos estudos necessários à construção dos edifícios destinados ao funcionamento do Instituto e sua instalação apropriada», indicando que, nesses prédios, «funcionará o Departamento de Ensino Primário e o Ginásio Industriais».

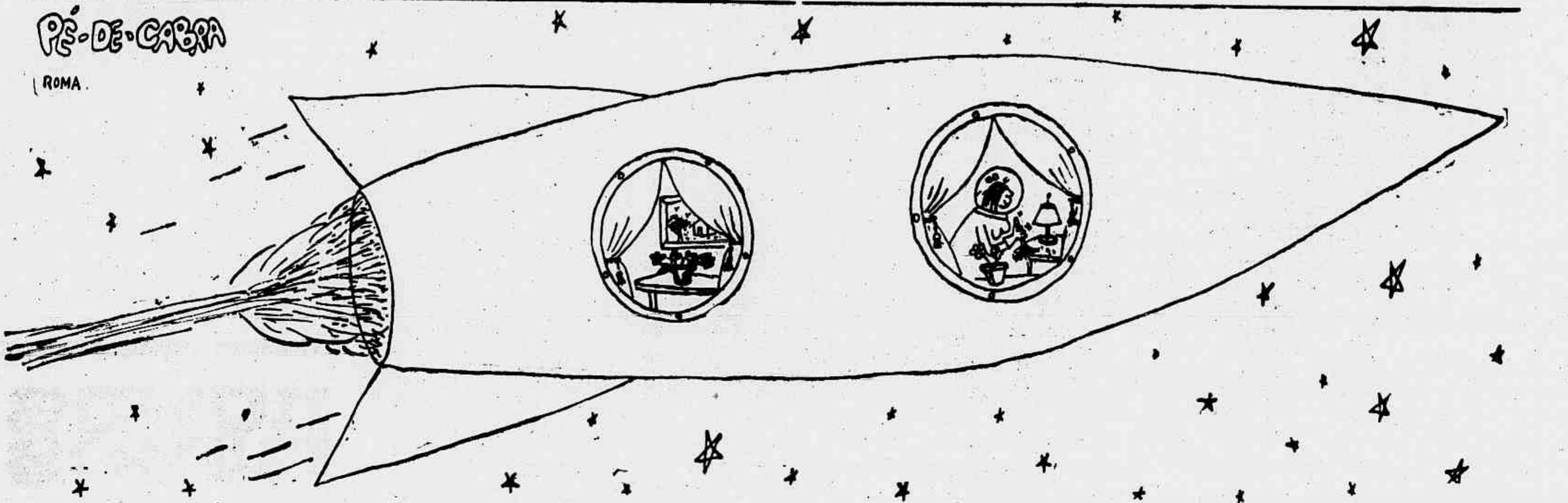
Um dos aspectos importantes da nova iniciativa da direção do Lóide é que os cursos, bem como a sua permanente fiscalização, estarão a cargo do Ministério da Educação e Cultura, através do competente órgão, na forma da legislação que rege o ensino industrial no País. A portaria destaca o futuro resultado positivo da iniciativa para a própria receita da em-

presa, dizendo que «a preparação de elementos qualificados trará, também, maior competência para analisar a política de fretes, fonte de receita desta entidade», frisando, ainda, estarem nessa iniciativa «diretamente interessados o Lóide Brasileiro, a Comissão de Marinha Mercante e, enfim, o Brasil, pelos efeitos decorrentes dessa orientação».

SEDE PARA O INSTITUTO

A direção da autarquia também se preocupa com as instalações onde deverá funcionar o Instituto. Assim, dentro em breve serão iniciadas, na Ilha da Conceição, obras de terraplenagem para a edificação da futura sede do novo órgão de ensino. Cerca de 300 filhos de servidores do Lóide, atualmente, freqüentam uma escola de nível primário mantida pela autarquia, onde lhe é ministrada preparação elementar. Esses alunos recebem uniformes, alimentação e ensino gratuitos.

Com uma turma inicial de 50 estagiários, já se encontra também em funcionamento um curso técnico-profissional. Os estagiários foram escolhidos entre mil candidatos que se submeteram a um exame de seleção. Com o funcionamento do futuro Instituto Técnico, as turmas de estagiários serão aumentadas para centenas de alunos. Além da teoria, os alunos farão um aprendizado prático. Para isso serão utilizadas as próprias instalações industriais da autarquia. O velho barco «Raul Soares» também dará a sua contribuição para a formação dos novos técnicos, transformado em navio-escola.





No País do Preconceito, o Racismo é Como o ar

Barbosa dos Santos

O presidente John Kennedy aproveitando a oportunidade do ingresso de dois estudantes negros na Universidade do Alabama, semana passada, pronunciou um discurso — transmitido ao país inteiro por uma rede de emissores de rádio e televisão, formada às pressas — em que afirmou que os norte-americanos "estão enfrentando hoje uma revolução no campo das relações raciais e uma crise moral resultante do descontentamento dos negros". Declarou mais o presidente Kennedy que "as chamadas da frustração e da discórdia já estão ardendo em todas as cidades" — e que "a maré crescente do descontentamento ameaça a segurança pública".

O discurso de Kennedy foi pronunciado depois de um período de hesitação que agora — é o que informam os jornais — todos os elementos do Governo estão lamentando que o caminho certo do Governo é o das providências positivas — e não o comportamento omissivo, apático e até conveniente com o preconceito antinegro, exceto, é claro, nos momentos em que a omissão conveniente pode desmoralizar o Governo — e mais: acentuar e dramatizar um problema já próximo de supurações violentas.

Uma constante

A hesitação experimentada por Kennedy nesta crise atual — em que o preconceito se acirrou, nas suas manifestações ao ponto de produzir mais um mártir, desta vez um mártir cujo sacrifício não foi possível esconder — não é uma hesitação inédita no curso da história da "questão racial" nos Estados Unidos.

Ela tem precedentes. De certo modo, pode-se considerar a hesitação de Kennedy como uma projeção, no tempo — hoje — da velha e permanente hesitação de todos os brancos não preconceituosos, nos Estados Unidos, diante do problema que, para eles, constitui o negro — e não só o negro, mas todo estrangeiro (ou não — como é o caso do índio norte-americano).

Exemplo dessa "hesitação branca" — tão sintomática, mesmo nos espíritos mais generosos — é a de Thomas Jefferson. Na forma original da "Declaração de Independência" dos Estados Unidos, redigida por Jefferson, havia um ataque ao colonialismo inglês, expresso nestes termos: "O Rei Jorge violou os mais sagrados direitos de vida e liberdade nas pessoas de povos distantes que jamais o ofenderam; capturou-as e levou-as à escravidão em outro hemisfério ou então permitiu-lhes morrer uma morte infeliz durante a viagem. Esta guerra de piratas, o próprio de potências infieis, e a guerra do Rei Cristão da Grã-Bretanha. Este prostituiu sua negativa de suprimir todo intento legislativo de proibir ou impedir um comércio exatável, já que estava decidido a manter aberto um mercado no qual os homens pudessem ser comprados e vendidos".

Os companheiros de Jefferson na redação da "Declaração de Independência" pensavam de outro jeito. E o ataque ao Rei Jorge, que era um ataque à escravidão e um libelo a favor da liberdade dos negros, foi suprimido da "Declaração". E que, se mantido o ataque, fundada estaria, junto com os próprios alicerces ideológicos da Revolução norte-americana e da nova nação, a reprovação total ao escravismo.

Lincoln também hesitou, aliás repetindo um equívoco também cometido por Jefferson. Jefferson chegara a adquirir terras na Libéria, para repatriar os negros. O projeto foi depressa abandonado. Abraham Lincoln, antes algum tempo de assinar o ato de emancipação, tomou providências práticas para a repatriação dos negros. Pretendia enviá-los todos para as Índias Ocidentais de língua inglesa — e chegou a fazer um arrendamento na ilha de Vague, na costa do Haiti. Quinhentos negros foram mandados para lá. Em alguns meses, muitos tinham morrido; outros fugiram — e o resto acabou sendo, então, levado de volta aos Estados Unidos.

Essa atitude de tentar resolver o problema do negro nos Estados Unidos pela fuga ao problema, isto é, pela extirpação cirúrgica daquilo que representa um problema — é comum e atravessa, intermitente e tentadora, toda a história norte-americana. Em 1839 um senador, um tal de Bilbo, apresentou um projeto de colonização da África pelos negros dos Estados Unidos.

Fenômeno natural

O preconceito racial nos Estados Unidos é um fenômeno fundamentalmente enraizado no espírito da maioria do povo. É como um cipal invisível de venenos psicológicos e morais — respirado com a mesma quase inconsciência com

que se respira o ar. Os preconceitos de toda espécie, nos Estados Unidos, aderiram ao mundo natural que o norte-americano herda ao surgir no mundo. Integram a ordem universal com a mesma necessidade com que existe o sol, ou a lua, ou a rua, ou a árvore.

Quem lê jornais, apenas, e ouve falar do preconceito racial nos Estados Unidos, tem uma idéia muito falsa da presença e da ação poderosa do preconceito de cor e nacionalidade entre os norte-americanos. Falsa, porque pálida — longe da realidade. O estudo mais superficial da vida norte-americana revela uma gama tão vasta e intrincada de preconceitos que só pode ser qualificada de estarrecida. Os Estados Unidos são uma sociedade de preconceitos.

Entre os brancos: preconceito antinegro, preconceito antissemita, preconceito antilatino, preconceito antieslavico, preconceito antindiano. Entre os negros: preconceito antissemita — falsamente identificado com o branco preconceituoso; preconceito antichinês (em grau reduzido); preconceito antifilipino (também em grau reduzido). Todos esses preconceitos, evidentemente, com as suas reciprocidades.

Irrracionalidade

Preconceitos que manifestam uma irracionalidade agressiva. E, o que é pior, todos, eles institucionalizados em textos legais. Por isso o preconceito — que em si prescinde da compulsão legal para se exercitar — tem força muito maior, nos Estados Unidos, sobre a conduta individual e coletiva: uma força de princípios, de certeza invulnerável, inamovível e indisputável; portanto fanatizadores. Attingem a personalidade do indivíduo e condicionam a sensibilidade e a consciência nas suas sutilezas mais mínimas. Tem poder de superstitação — e o caráter absurdo das superstições, a irracionalidade do preconceito.

Imagine-se um conjunto de superstições absurdas institucionalizadas, gravadas em textos constitucionais, sérios, juridicíssimos, e ter-se-á então, por exemplo, o artigo 597 do Regulamento da cidade de Birmingham: "É ilegal um negro, e uma pessoa branca jogarem juntos qualquer jogo de cartas, dados, dominó ou xadrez". Ou este exemplo de discriminação: um cemitério de cães de Washington, capital dos Estados Unidos, segregado, em espaço especial à parte, os cachorros que pertencem a pessoas de cor. Na Carolina do Sul, é proibido pretos e brancos trabalharem na mesma sala em uma fábrica de tecidos, ou usar os mesmos giletes de pagamento, ou as mesmas instalações sanitárias e bebedouros, ou as mesmas portas de entrada e saída ao mesmo tempo, ou as mesmas escadas e janelas ao mesmo tempo.

Supremacia branca

Quer dizer: o preconceito, nos Estados Unidos, está no Direito — é a própria tessitura do Direito, quanto às relações entre brancos e negros.

A justificativa é a "superioridade da raça branca": absurdo que o ensino secundário de qualquer país subdesenvolvido extingue no espírito de um estudante com facilidade. O culto fanático, a defesa fanática da "superioridade da raça branca" se manifesta com violência nos Estados Unidos.

Quem quiser saber disso leia a história de uma organização de nome "Ku-Klux-Klan", nascida durante a Guerra Civil, em 1865, no Estado de Tennessee. Feneceu por muitos anos, em 1915 foi refundada — com os mesmos princípios e objetivos de 1865: a superioridade da raça branca e a defesa da sua supremacia.

A "Ku-Klux-Klan" chegou a ter antes da Segunda Guerra Mundial, mais de dez milhões de membros. Porque um negro passou diante de uma casa de branco com um andar que ele, da janela, considerou petulante, a "Ku-Klux-Klan", de que ele é membro, é convocada, e aí do negro. Linchamentos; estupros de virgens negras; assassinato de negros que reagiram a uma tentativa de se lhe ofender a dignidade; incêndio de residências de negros que se atreveram a votar embora advertidos de que não o fizessem — isso e muito mais a "Ku-Klux-Klan" tem feito desde que existe. E não é só de vez em quando que a "Ku-Klux-Klan" age, não. Os capuzes terroristas munidos de revólveres e tochas de fogo são uma visão que se pode ter quase todo dia nos Estados Unidos, em quase todas as cidades do Sul — e em muito numerosas cidades do Norte. Organização com leis próprias, em conflito, muitas vezes, com a Constituição norte-americana, a "Ku-Klux-Klan" é uma entidade poderosa — que, nos Estados do Sul, tem o apoio de governadores e políticos influentes.

O presidente Warren G. Harding foi membro do Klan. Sua iniciação se realizou em cerimônia muito solene, no Salão Verde da Casa Branca. Os presentes estavam todos vestidos de vestimentas brancas e de máscaras. Depois de jurar — conforme o ritual da "iniciação" nos segredos do Klan — obediência ao ordeno do Mago Imperial (chefe supremo e nacional da "Ku-Klux-Klan"), o presidente Warren Harding deu ao Mago uma patente do Departamento de Guerra para seu automóvel, "como prova de estima". — é o que conta um escritor norte-americano, Stetson Kennedy.

O culto do anglo-saxão

Os ideais do "Ku-Klux-Klan" podem ser considerados a síntese expressiva do preconceito racial — não restritamente antinegro, mas anti-semita, antiasiático, antifilipino, anti-sulamericano antipele-vermelha, etc. etc. — nos Estados Unidos.

Na cerimônia de revitalização do Klan, em 1911, nas Stone Mountain, Georgia, o Mago Imperial William Joseph Simmons, debaixo das chamas de uma cruz imponente, bradava: "O anglo-saxão é o protótipo da história. Diante dele devem inclinar-se o concentrado hebreu, o culto grego o viril romano, o místico oriental. O salmista devia estar se referindo a ele quando, com sua imaginação poética, tomou de sua harpa sonora e cantou: "Oh, Senhor, Tu o fizeste apenas mais baixo do que os anjos e o coroaste de glória e honra. Tu lhe deste domínio sobre Tuas obras, com Tuas mãos; Tu puseste todas as coisas debaixo de seus pés..." A atual inquietação indica um inevitável conflito entre a raça branca e a raça de cor. Este conflito será o Armagedon, a menos que os anglo-saxões, em unidade com as raças latinas e teutônicas tomem a chefia do mundo e mostrem a todos que detém e deterão para sempre o domínio do mundo.

Idéia infusa em muitos espíritos, nos Estados Unidos, é o de que a inferioridade da "raça negra" se demonstra pelo fato de ela hoje em dia lutar — nos Estados Unidos, com o reivindicar igualdade, e na África, com a luta pela independência — contra a "raça branca", sua beneficora, raça civilizadora e altruísta.

E nada mais irracional e cruel do que a estatus do "bom negro", erigida por simpatizantes do "Ku-Klux-Klan" na cidade Natchitoches, Estado de Louisiana: um negro de chapéu na mão, em pose servil — simbólica do espírito de servilismo e obediência que a intolerância dos racistas exige dos negros. Negro servil e obediente é "negro bom", "bom negro". Para quem considera um negro em tudo semelhante a um macaco, da mesma utilidade de um animal de carga, o negro se qualifica por seu bom ou mau comportamento — e negro bem comportado é o negro que sabe o seu lugar, que não se mete a branco: tal e qual um cavalo que é bom porque não empina, porque é manso sem ser preguiçoso.

Aceitação do problema

A atitude do presidente dos Estados Unidos de enfrentar "o problema da integração racial" tem, nesta atualidade, o mesmo sentido da atitude de Lincoln ao assinar a declaração de emancipação dos negros, em um ponto: o governo norte-americano — que neste caso tem de ser visto como um governo branco — mais uma vez resolve encarar o problema sem fugir dele. Lincoln pensou em repatriar os negros para as Índias Ocidentais. Jefferson, para a Libéria. De lá para cá, os governos norte-americanos oscilam da omissão sistemática para intervenções ineficazes, destinadas a estancar violências e a manter prestígio no estrangeiro.

(Interessante, e principalmente sintomática de preconceito, essa idéia de repatriação dos negros. Fala-se nisso com certa naturalidade nos Estados Unidos. Repatriar é devolver à pátria de origem. Qual é a pátria dos negros norte-americanos? Por que não se falar em repatriação dos brancos norte-americanos?)

Volta-se, pois, o governo dos Estados Unidos para enfrentar a "questão racial". Anunciou Kennedy o surto ao Congresso de algumas leis com a finalidade de incrementar a integração dos negros na sociedade norte-americana. A que se pretende mais radical e eficiente é a que permitirá aos Procuradores da União processar as pessoas e famílias que desrespeitarem as leis integracionistas — uma das quais, que agora será encaminhada ao Congresso, é a que permite aos negros a entrada em restaurantes, clubes, cinemas, ônibus etc. exclusivamente de brancos.

Parce, pois, que já é definitivamente coisa do passado a idéia da "repatriação". Parece que a necessidade da convivência com os negros transformou-se em evidência — evidência cruel, quase inaceitável para os brancos: mas evidência. Mas o exame das leis novas que poderão — e nem é certo nem provável que surjam — surgir agora mostra que elas não tocam no preconceito lá onde ele se localiza, encaixetado e quase intocável: a consciência norte-americana.

Preconceito classista

Ainda não foi estudado direito o sentido classista do preconceito antinegro nos Estados Unidos. As estatísticas revelam que o salário médio dos negros, lá, é cinquenta e dois por cento mais baixo do que o dos trabalhadores brancos. Fato significativo.

E um exame das relações de trabalho dos negros, nos Estados Unidos, mostra que eles quase não têm acesso aos setores da produção. O desemprego é o privilégio único dos negros nos Estados Unidos. A maioria dos quase seis milhões de desempregados é de negros.

Isso parece explicar um pouco o preconceito antinegro até mesmo no meio do operariado norte-americano: o negro é um fator de depreciação do trabalho ofertado. Daí um dos motivos de o negro restringir-se a atividades intermédias: garçons, ascensoristas, moços de recados, mordomos, choferes. Claro que há exceções — que se caracterizam precisamente por serem exceções.

Fator de democracia

A evidência maior que ressalta da batalha desenvolvida — com organização cada vez maior — pelos negros dos Estados Unidos é a do conteúdo revolucionário da classe específica e única que eles constituem dentro da sociedade norte-americana.

E claro que, quanto mais igualdade os negros forem obtendo, mais democracia haverá nos Estados Unidos.

Os negros hoje em dia não têm participação nenhuma na direção do país. Só o fato de eles constituírem um "problema" (pois nada mais válido do que a inversão do ponto de vista e a consideração e formulação de um "problema do branco" nos Estados Unidos — por que não?), já significa que, dentro de uma sociedade que eles ajudaram a constituir, eles são vistos, eles são olhados, eles são um objeto para olhos agentes do ato de ver.

O voto é quase uma falácia para os negros norte-americanos. Nas cidades sulistas, a "Ku-Klux-Klan" dependura bonecos negros nos postes, simulacros de enforcamentos, com uma faixa com os dizeres: "This Negro Votes" — significando isso uma advertência, em dias de eleição, a que negros não votem.

Se o negro vota com dificuldade, é-lhe impossível ser votado.

O negro não partilha, pois, a direção dos Estados Unidos. Mais do que uma classe essencialmente proletária — ele é uma classe de marginais. (Aos negros se reservam os ghettos das cidades, grandes e pequenas).



NOVOS FUMOS